



UFC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

SABRINA TEIXEIRA DE SOUSA

**A IMAGEM PÚBLICA DE BOLSONARO NA GESTÃO DA PANDEMIA DE
COVID-19 SOB A ÓTICA DE VEÍCULOS DE IMPRENSA INTERNACIONAIS**

FORTALEZA

2022

SABRINA TEIXEIRA DE SOUSA

A IMAGEM PÚBLICA DE BOLSONARO NA GESTÃO DA PANDEMIA DE
COVID-19 SOB A ÓTICA DE VEÍCULOS DE IMPRENSA INTERNACIONAIS

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida de Sousa.

FORTALEZA

2022

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* [Catalog!](#) para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

SABRINA TEIXEIRA DE SOUSA

A IMAGEM PÚBLICA DE BOLSONARO NA GESTÃO DA PANDEMIA DE
COVID-19 SOB A ÓTICA DE VEÍCULOS DE IMPRENSA INTERNACIONAIS

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social - Jornalismo da
Universidade Federal do Ceará como requisito
para a obtenção do título de bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia
é permitida desde que feita de acordo com as
normas da ética científica.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maria Aparecida de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Raimundo Nonato de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, irmãos e amigos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela oportunidade de vivenciar e concluir esta etapa de minha vida.

Aos meus pais, Cleuda Teixeira de Sousa Araújo e Antônio Teixeira Araújo, e aos meus irmãos Sophia e Felipe, pela segurança de sempre contar com seu amor, suporte e dedicação durante toda a minha vida.

À Profa. Dra. Maria Aparecida de Sousa, por suas generosas orientações, compreensão nos momentos complicados, por suas preciosas sugestões na construção desse trabalho e pelo tempo dedicado a me ajudar.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysneiros e Prof. Me. Raimundo Nonato de Lima por aceitarem dedicar seu tempo e experiência a avaliar este trabalho.

Aos meus colegas de graduação, especialmente Alexandre, Carol, Ideídes, Karol e Lena, que me acompanharam nos melhores e nos piores momentos dessa caminhada na universidade.

A todos os professores do curso de Jornalismo, pela dedicação em partilhar seus conhecimentos comigo e demais alunos.

À UFC, pela oportunidade que tive para aprender e crescer.

“Ninguém daria o menor apoio, nem teria a
menor devoção por uma pessoa real.”

Jean Baudrillard

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar títulos e subtítulos de matérias publicadas em jornais internacionais a fim de identificar qual a imagem pública construída para o presidente brasileiro Jair Bolsonaro, sob o contexto sócio-histórico da pandemia de Covid-19. Para tanto, foram selecionados três veículos de imprensa, o jornal norte-americano The New York Times e o francês Le Monde, e a agência de notícias chinesa Xinhua, de onde extraímos publicações que citassem o governante do Brasil. A pandemia de Covid-19 teve início em janeiro de 2020 e até o fim de 2021 havia causado a morte de cerca de 5 milhões de pessoas no mundo, sendo mais de 600 mil apenas no Brasil. Esse período mostrou-se um desafio para todos, em especial para os governantes que precisaram rapidamente traçar estratégias de controle para a inesperada crise sanitária. Observando este contexto, aplicamos a metodologia da Análise do Discurso da escola francesa para analisar os sentidos atribuídos às ações do presidente brasileiro, através dos discursos jornalísticos de outros países. Esta análise revela que Bolsonaro teve sua imagem pública deteriorada durante a pandemia, quando foi frequentemente retratado de maneira negativa, apresentado como um gestor negligente. A população brasileira também recebeu representações negativas, sendo ocasionalmente apontada como vítima da falta de diligência de seu chefe de governo.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro. Pandemia. Imagem Pública. Covid-19

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze titles and subtitles of articles published in international newspapers in order to identify the public image built for the Brazilian president Jair Bolsonaro, under the socio-historical context of the Covid-19 pandemic. For this purpose, three media outlets were selected, the American newspaper The New York Times and the French newspaper Le Monde, and the Chinese news agency Xinhua, from which we extracted publications that cited the ruler of Brazil. The Covid-19 pandemic began in January 2020 and by the end of 2021 had caused the death of about 5 million people worldwide, more than 600,000 in Brazil alone. This period proved to be a challenge for everyone, especially for government officials who had to quickly devise control strategies for the unexpected health crisis. Observing this context, we applied the Discourse Analysis methodology of the French school to analyze the meanings attributed to the actions of the Brazilian president, through journalistic discourses from other countries. This analysis reveals that Bolsonaro had his public image deteriorated during the pandemic, when he was often portrayed in a negative light, presented as a negligent manager. The Brazilian population also received negative representations, being occasionally identified as a victim of the lack of diligence of its head of government.

Keywords: Jair Bolsonaro. Pandemic. Public Image. Covid-19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 01/04/2020	43
Figura 2 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 18/01/2021	43
Figura 3 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 04/07/2020	44
Figura 4 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 01/04/2021	45
Figura 5 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 04/04/2020	45
Figura 6 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 15/05/2020	47
Figura 7 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 08/07/2020	48
Figura 8 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 22/02/2021	49
Figura 9 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 14/10/2020	50
Figura 10 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 31/03/2021 ...	51
Figura 11 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 04/07/2021	53
Figura 12 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 23/06/2020	54
Figura 13 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 16/11/2020 ...	55
Figura 14 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 06/06/2020	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Títulos, Subtítulos, Veículos e Datas de Publicação das Matérias em seus idiomas originais	37
Tabela 2 - Títulos, Subtítulos, Veículos e Datas de Publicação das Matérias em tradução livre	39
Tabela 3 - Lista de Formações Discursivas e Sentidos	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACPM - l'Alliance pour les Chiffres de la Presse et des Médias

AD - Análise do Discurso

FD - Formação Discursiva

FI - Formação Ideológica

NYT - Jornal norte-americano The New York Times

OMS - Organização Mundial da Saúde

PCC - Partido Comunista Chinês

UNA-SUS - Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
1. INTRODUÇÃO	13
2. CAPÍTULO - A PANDEMIA, O JORNALISMO E OS DISCURSOS POLÍTICOS	15
2.1. O novo Coronavírus	15
2.2. O Discurso Jornalístico	18
2.3. Imagem Pública e Discurso Político	20
2.4. <i>Ethos</i> Político	23
3. CAPÍTULO - METODOLOGIA DA PESQUISA	25
3.1. Análise do Discurso	25
3.1.1. Formação Discursiva	26
3.1.2. Heterogeneidades Enunciativas	28
3.1.3. O Sujeito e Outros Dispositivos Teóricos	29
3.1.4. Enunciação e Polifonia	32
4. CAPÍTULO - ANÁLISE	34
4.1. Delimitação do Corpus	34
4.2. Análise dos Títulos e Subtítulos	40
4.3. Formações Discursivas	42
4.3.1. Negacionismo	42
4.3.2. Isolamento	45
4.3.3. Anticiência	47
4.3.4. Impacto	49
4.3.5. Despreparo	50
4.3.6. Aversão	52
4.3.7. Capital Político	53
4.3.8. Orientação Ideológica	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1 INTRODUÇÃO

No passado, epidemias e pandemias foram responsáveis pela dizimação de populações ao redor do mundo, como a gripe espanhola, a peste negra. No entanto, essas crises sanitárias ocorreram em períodos em que os meios de comunicação que conhecemos hoje eram rudimentares, ou sequer existiam. Com isso, as redes de informação foram pouco úteis em influenciar o andamento dessas enfermidades, bem como as suas consequências.

Desta forma, autoridades governamentais responsáveis pelo sucesso ou fracasso do combate a essas doenças tornaram-se inexpressivas diante da imensidão da História. É muito complexo saber identificar quem eram os governantes no poder enquanto a Europa via sua população reduzir gradualmente a cada nova peste que se alastrava pelos países do continente desde a Idade Média. Mais intrincado ainda é apontar responsáveis pelas pestilências que arrasaram de tempos em tempos as populações dos continentes Africano e Asiático.

O campo da comunicação da forma que conhecemos hoje nos oferece a oportunidade de observar, às vezes de maneira bastante próxima, as ações tomadas por nossos líderes governamentais diante de cenários adversos como uma pandemia. E não apenas acompanhar suas atitudes, como ainda participar das estratégias da tomada de decisões e se fazer presente de forma a garantir que as melhores medidas sejam adotadas.

A partir disso, os discursos vão se moldando a fim de atender às expectativas dos demais interlocutores daquele processo comunicacional. Considerando um cenário pandêmico, a mídia - através do jornalismo, nesta situação em específico - e os atores políticos constroem suas formações discursivas, incorporando a seus discursos referência que encaixem no contexto-histórico e os forneça relevância na esfera pública. Mantendo em mente seus respectivos objetivos, os discursos jornalístico e político, em geral, buscam atender as demandas da população com o propósito de gerar engajamento e desenvolver uma imagem pública positiva de si. Entretanto, é necessário que as imagens emitidas por esses discursos correspondam às imagens que chegam ao público alvo, sob o risco de fracassar no objetivo de obter um status positivo e tornar-se um símbolo de falta de credibilidade.

Considerando isso, partimos da hipótese de que o comportamento e declarações feitas pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, durante a pandemia de Covid-19, é exposta de forma crítica pelos veículos de imprensa internacionais, e que isto, prejudica a imagem do país como nação.

Na primeira parte deste trabalho, realizaremos uma breve apresentação sobre o cenário em que os discursos de Bolsonaro foram emitidos. Iremos abordar um pouco do histórico mundial com relação a epidemias e pandemias, bem como traçaremos um percurso de como surgiu a Sars-CoV-2, e como ela afetou e tem afetado a população ao redor do mundo, em especial a população brasileira. Conceberemos também um resumo de conceitos acerca de como são estabelecidos os discursos jornalísticos, as suas características e atuais exigências. Discutiremos ainda o conceito de Imagem Pública e como os discursos políticos se guiam a fim de construí-las. Por fim, exploraremos a definição de *ethos* políticos e suas referências histórico-bibliográficas.

No capítulo 3, iremos realizar um resgate histórico sobre a Análise do Discurso da escola francesa e sua aplicação como método de pesquisa. Para tanto, apresentaremos alguns possíveis dispositivos teóricos que podem ser hábeis a utilizar durante a realização da análise, tais como as formações discursivas, as heterogeneidades enunciativas, o interdiscurso, o papel do sujeito, as formações ideológicas, as condições de produção, bem como a enunciação, a polifonia etc.

No capítulo 4, empreenderemos a análise do corpus de pesquisa. Para isso, iremos delimitar os materiais que irão compor a análise, estabelecendo os critérios de escolha e as matérias que neles se encaixam. Faremos ainda uma esquematização em quadro dos títulos e subtítulos que serão analisados, como também das formações discursivas e seus respectivos sentidos, além de buscar identificar os enquadramentos presentes no material de análise.

Com este trabalho, pretendemos comprovar a nossa hipótese inicial de que as ações do presidente Jair Bolsonaro no que referiam-se à pandemia de Coronavírus foram prejudiciais à imagem do Brasil no exterior, utilizando-nos de bases teóricas e de observação e análise para o mesmo.

2. A PANDEMIA, O JORNALISMO E OS DISCURSOS POLÍTICOS

A crise sanitária gerada pela disseminação do Coronavírus (SARS-CoV-2), iniciada em meados de março de 2020, afetou diversas esferas da sociedade em todo o mundo. Além da saúde, a política, a economia, a educação, a comunicação e diversas outras esferas da vida pública foram impactadas pela pandemia de Covid-19, gerando novas dinâmicas sociais. Neste contexto, as mídias, em especial o jornalismo, assumiram papel de destaque na condução da crise. Este capítulo propõe-se a apresentar um breve histórico da pandemia de Coronavírus no Mundo e no Brasil, além de buscar estabelecer alguns conceitos acerca de termos como Discursos Jornalísticos, Imagem Pública, Discursos Políticos, além de *Ethos* Político.

2.1. O Novo Coronavírus

Segundo Alves e Teixeira (2020), doenças infecciosas, emergentes como a varíola, o tifo, o sarampo e a gripe foram identificadas por estudiosos desde o século 16 e levadas ao Novo Mundo pelos exploradores europeus. Essas enfermidades causaram cerca de cinquenta milhões de mortes e um grande despovoamento em toda a região da América. Desde então o trânsito de doenças somente se expandiu. Doenças como a sífilis, a cólera, as verminoses e outras também tornaram-se comuns no cotidiano das sociedades.

Durante o período em que foi colônia portuguesa, o Brasil, devido ao seu sistema econômico baseado no comércio transatlântico e na escravatura, passou a ser foco de várias doenças epidêmicas. “[...] O Rio de Janeiro, então capital do país, ficou conhecida no início do século 20 como o "túmulo dos imigrantes” (ALVES E TEIXEIRA, 2020). Todavia, durante o século 20, o desenvolvimento dos estudos sobre a microbiologia permitiram a criação de soros e vacinas que auxiliaram no controle de diversas doenças infecciosas. O que não foi suficiente para impedir a epidemia de gripe espanhola que atingiu a Europa em 1918. A doença causou milhares de mortes e explicitou a imprevisibilidade do surgimento de novas epidemias. Ainda segundo os autores, “o otimismo das ciências médicas com a possibilidade de dar fim aos problemas de saúde é tão cíclico quanto as próprias epidemias”.

Para Alves e Teixeira, as evoluções tecnológicas na área médica, como a descoberta da penicilina, o surgimento da quimioterapia etc, parecia apontar para um mundo sem doenças. A queda nos índices de mortes causadas por doenças infecciosas e o aumento na qualidade de vida das pessoas, por sua vez, também corroboravam para um cenário de

controle sobre as enfermidades. Nos últimos anos essa previsão se fez realidade ao redor do mundo, principalmente nos países desenvolvidos, onde as taxas de mortalidade relativas a doenças infecciosas vinham em declínio. Em países como os Estados Unidos, a Suécia e o Reino Unido, as doenças degenerativas já acarretavam mais mortes que as doenças infecciosas. No entanto, Alves e Teixeira (2020) alertam que

“Pensar as formas coletivas de adoecimento como etapas lineares gera a ilusão de que estamos a frente de um novo tempo, onde somente as doenças crônico-degenerativas apresentam-se como problemas de saúde pública, e mesmo assim por um tempo limitado, pois o avanço das das novas terapias certamente irá favorecer o seu controle.” (ALVES E TEIXEIRA, 2020)

Para exemplificar a dificuldade em sustentar o otimismo com relação ao controle da disseminação de enfermidades no Brasil, frequentemente registra-se a eclosão de doenças que atingem a população de maneira coletiva em ampla escala, como a epidemia de Aids na década de 1980 e a de zika vírus entre os anos de 2015 e 2016. Entretanto nenhuma dessas doenças atingiu a sociedade contemporânea de forma tão impactante quanto a pandemia da SARS-CoV-2, a Covid-19.

Com o primeiro caso registrado em 31 de dezembro de 2019, na província de Hubei, no distrito de Wuhan, na China, a Covid-19 foi primeiramente reportada à Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pneumonia grave de origem desconhecida (Sá, 2020). A principal suspeita era de que o novo vírus seria do tipo zoonótico, ou seja, transmitido entre animais e seres humanos. Já em 7 de janeiro de 2020, a causa dessa pneumonia foi identificada como um novo Coronavírus. Dois dias depois, no dia 9 de janeiro, foi registrada a primeira morte em decorrência desse vírus recém descoberto. De acordo Sá (2020), a proliferação da doença se estendeu de modo que na primeira semana de fevereiro o novo Coronavírus - que havia recebido a nomenclatura de SARS-CoV-2 - já havia causado a morte de mais de 800 pessoas ao redor do mundo. “Em 15 de fevereiro, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, pediu aos governos dos estados nacionais que organizassem seus sistemas de saúde, pois era impossível prever a direção que a epidemia tomaria” (SÁ, 2020).

A partir de então, diversos países registraram surtos descontrolados da doença e sistemas de saúde entraram em colapso. O norte da Itália estabeleceu uma quarentena rígida para sua população a fim de tentar controlar a propagação do vírus e amenizar as dificuldades as quais enfrentavam seus serviços de saúde. Em 28 de fevereiro, a OMS alterou o nível de ameaça global da SARS-CoV-2 de “elevado” para “muito elevado”.

No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi registrado oficialmente em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo (UNA-SUS, 2020). O paciente, identificado como um homem de 61 anos, havia em seu histórico uma visita recente à Itália. Na ocasião, o ministro da Saúde da época, Henrique Mandetta, declarou que a Covid-19 seria mais uma doença epidêmica respiratória grave, semelhante a outras que o sistema de saúde brasileiro já havia superado.

O ministro ainda garantiu que o país estava preparado para testar o casos e para garantir que casos confirmados fossem monitorados e tratados. Segundo a UNA-SUS (2020), todas as ações tomadas no período seguiam os protocolos do Ministério da Saúde e da OMS. “Em 11 de março, em função de níveis acelerados e crescentes de propagação e gravidade do vírus em diferentes países, a OMS decretou o surto como uma pandemia” (SÁ, 2020).

A primeira morte em nosso território causada pelo novo vírus infeccioso foi noticiada como ocorrida em 17 de março de 2020, data que depois viria ser corrigida para o dia 12 do mesmo mês (PEBMED, 2020). Naquela circunstância, o Ministério da Saúde confirmava 234 contaminados no país, ao mesmo tempo em que pelo menos outras 1400 pessoas eram monitoradas como suspeitas de estarem infectadas.

Com a primeira vítima fatal confirmada os governos estaduais começaram a implantar medidas de distanciamento social, a suspender eventos e a decretar estado de emergência para aquisição de insumos e serviços hospitalares. O alto grau de transmissão da Covid-19, no entanto, culminou em ações mais rígidas, chegando a interrupção total de todas as atividades sociais e a instauração de quarentena para todos os cidadãos. Estima-se que durante os primeiros meses de pandemia, cerca de 3 bilhões de pessoas tenham estado em quarentena ao redor do mundo. “[...] Com vistas à preparação dos sistemas de saúde para o recebimento gradativo de pacientes graves, “isolamento social”, “distanciamento social”, “quarentena” e “lockdown” ganharam as páginas de veículos diversos de informação” (SÁ, 2020).

Em janeiro de 2022, alcançou a marca de um ano e dez meses de pandemia oficialmente. Durante esse intervalo de tempo, o Brasil chegou a mais 600 mil vítimas fatais da Covid-19, segundo dados do governo federal. Nesse período, imunizantes foram desenvolvidos e vacinas aplicadas em grande parte da população brasileira.

Houveram ainda novas ondas de contaminação causadas por variantes do vírus SARS-CoV-2, em especial as denominadas Delta e Ômicron, que causaram milhares de mortes entre a população. Neste contexto, para além dos impactos sociais, culturais e econômicos catastróficos, as ações do governo federal do país também resultaram em

conflitos, sendo estes amplamente expostos pelos meios jornalísticos, o que trataremos no decorrer desta pesquisa.

2.2. O Discurso Jornalístico

Patrick Charaudeau (2007, p. 36) afirma que a informação não existe no plano material das coisas, ela é essencialmente uma enunciação. Para o autor, além de construir saber, a informação é construída por conhecimentos do contexto em que está inscrita, bem como naquele em que é enunciada, como também sofre influência do local de onde provém. O linguista francês (2007, p. 20) considera que as sociedades democráticas são compostas por três esferas: a política, a civil e a das mídias, e que elas influenciam umas às outras sem que se possa determinar qual delas é a dominante. O autor ainda afirma que o trabalho das mídias de informação é motivado por duas lógicas: a lógica econômica, com objetivo de estar presente nas relações de consumo da sociedade, e a lógica simbólica que possui a intenção de inserir-se na constituição da opinião pública.

“Eis que um fenômeno geral, oriundo de uma atividade suscetível de ser realizada por todos (informar alguém de alguma coisa), parece transformar-se no domínio reservado de um setor particular, as mídias, cuja vocação essencial seria informar o cidadão”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 34)

Sob um olhar mais pragmático, Traquina (2002, p. 30) entende que as notícias podem ser consideradas construções sociais por incorporarem em si traços da cultura jornalística e da cultura geral, produzindo assim uma série de ligações com fontes, outros profissionais do jornalismo e com a sociedade. Para difundir informações, o autor afirma que os veículos de comunicação - sejam eles representados na figura de um repórter ou de uma instituição - utilizam-se de processos, técnicas e formatos característicos do campo jornalístico. Para Traquina (2002, p. 30), “as notícias são elaboradas com a utilização de padrões industrializados, ou seja, formas específicas que são aplicadas aos acontecimentos”.

Desta forma, não podemos considerar o jornalismo como um campo isento de influências, que seja ferramenta exclusiva para informar, sem que haja interferência ideológicas e interdiscursivas. Charaudeau (2007, p. 39) explica que toda informação parte de uma escolha, não somente escolhas que contemplem normas de escrita e fala, mas também escolhas de sentido, e que isto define a “escolha de estratégias discursivas”. Mas que, no entanto, aquele que informa deve reconhecer que está inserido em um esquema de escolhas

acerca do que vai ser dito e não-dito. Como quando veículos da imprensa preferem exaltar em matérias jornalísticas as qualidades do trabalho remoto, enquanto milhares de brasileiros sofrem com os efeitos de uma rotina desregulada na qual a divisão entre trabalho e tempo livre torna-se indeterminada. Ou como quando são publicados artigos que apontam a diminuição no consumo de carne pela população em um viés que exalta benefícios da adoção dietas vegetarianas e/ou veganas, sem mencionar que possivelmente muitos daqueles que deixaram de consumir carne ou tiveram seu consumo reduzido o fizeram por não possuir poder de compra para esses itens.

“Ora, toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra. A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria uma outra maneira, e ainda outra maneira, antes de proceder a uma escolha definitiva”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 38).

Traquina (2002) acrescenta que essa necessidade de assumir a existência de posicionamentos no campo jornalístico se dá especialmente devido às crescentes exigências colocadas sobre os profissionais da área, onde os jornalistas exercem inegavelmente papel ativo na construção da realidade social. Para o autor (2002, p. 47), “só a cegueira provocada pela ideologia jornalística pode explicar que alguns jornalistas insistam em pretender que o seu trabalho se limite à identificação dos fatos e à simples recolha e transmissão de relatos”.

As distinções subjetivas da linguagem das notícias que se pretende imparcial tornam-se notórias diante de uma análise discursiva. Assim como todas as demais formas de interação humana, o produto jornalístico mostra seu caráter polissêmico, ao expor aspectos da ordem da enunciação que advém de outros discursos (CHARAUDEAU, 2007, p. 41). No processo de informação, o sujeito enunciador inicialmente estabelece uma “significação psicossocial” ao seu discurso ao mesmo tempo em que atribui uma identidade hipotética ao destinatário da mensagem. A informação de fato se concretiza durante a troca discursiva em que o objetivo é fazer “circular entre os parceiros um objeto de saber que, em princípio, um possui e o outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação a seu estado inicial de conhecimento” (CHARAUDEAU, 2007, p. 41).

Esse dialogismo da informação jornalística permite que agentes políticos tracem estratégias de comunicação visando atingir sujeitos que ocupem uma dada formação social a fim de obter benefícios. “Dessa forma, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar

as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do ‘imaginário’ do outro, fundar estratégias de discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 36). Sobre essa possibilidade de angariar credibilidade perante determinada audiência, Charaudeau (2007, p. 17) ainda sugere que “as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública - ainda que o seja para o bem-estar do cidadão”.

2.3. Imagem Pública e Discurso Político

Quando analisamos discursos devemos manter em mente que eles estão permeados de intencionalidades, em especial aqueles inseridos dentro do campo político. Os enunciados ganham particularidades que referenciam questões de imagem pública e de disputas pelo poder. Segundo Weber (2009), diversas premissas contribuem para a construção de uma identidade política através de discursos, como a aparência, a verdade, a realidade, o carisma, a viabilidade, a credibilidade, a opinião pública e as representações sociais. Já Maingueneau (2008) entende que para essa construção se faz necessário observar alguns princípios, tais como o de alteridade (da relação com o outro), o da influência (de trazer o outro para si, para que este aja conforme a intenção do enunciador) e o da regulação (de identificar o discurso do outro e orientar a relação entre eles).

Considerando-a como um dos principais mecanismos para se obter visibilidade pública, a mídia, em especial a jornalística, pode contribuir de maneira significativa na construção da imagem pública de agentes políticos. Na visão de Gomes (2004), os agentes políticos, através de suas estratégias de comunicação, fomentam no público certa imagem pública que desejam adquirir, sendo este um processo característico da midiatização. Gomes explica que é importante para o agente político “assegurar a presença dele na esfera de visibilidade pública dominante, [para] que um público que de alguma maneira se submete a essa esfera de exposição forme uma determinada imagem de tal ator” (GOMES, 2004, p. 169).

Ainda de acordo com Gomes (2004), o estabelecimento das sociedades democráticas e, em paralelo, da esfera pública, além do predomínio da comunicação de massa, permitiu que pessoas públicas buscassem o desenvolvimento de suas imagens na mídia. No campo político, esse aspecto deixou de ser acessório para tornar-se um enfoque primordial para o êxito de aspirações políticas dentro de contextos democráticos. “O sistema democrático impõe à esfera política a obrigação de retirar a sua legitimação social de decisões

provenientes da esfera civil, pelo menos nos rituais eleitorais que se dão de tempos em tempos” (GOMES, 2004, p. 195).

Charaudeau (2008) argumenta no mesmo sentido, mas adiciona que os políticos sempre nutriram a necessidade por visibilidade (acesso à cena pública), imagem (conquistar o público) e legibilidade (a compreensão de seu projeto político). Segundo o autor, “a política se desenvolve na cena pública”, e o cerne do discurso político seria estabelecer uma relação entre os papéis representados pelos agentes políticos e as expectativas do público. Nestas circunstâncias, os meios de informação devem ser considerados de grande importância, pois são um dos principais fatores de influência das condições de visibilidade desses atores políticos.

As mídias de informação, em geral, abrangem um público fluido e heterogêneo, que não são necessariamente o público-alvo dos discursos políticos (Charaudeau, 2008). Desta forma, os agentes políticos se vêem diante do impasse entre tornar seus discursos mais gerais, comprometendo a identificação com seu público-alvo de fato, ou restringir seus discursos aos moldes da imagem pública que deseja imprimir, à condição de tornar-se um produto de nicho. Por outro lado, estes atores políticos ainda disputam as perspectivas atribuídas à sua imagem com o sistema midiático, que possui em sua essência a característica de dar ênfase a determinados temas a fim de ampliar sua própria visibilidade. Por exemplo, jornais, revistas e demais veículos jornalísticos têm a tendência de explorarem com maior afinco assuntos que mais mobilizam a sociedade, como é o caso de uma pandemia. Dentro desta conjuntura, os meios de informação buscam exibir discursos que contribuem para uma melhor percepção do público sobre o atual cenário, o que muitas vezes pode não ser benéfico para a imagem de certos agentes políticos.

Para Gomes (2004), na esfera política é fundamental que a visibilidade esteja sobre o que pode ser considerado mais proveitoso e que colocar as atenções sobre esses aspectos é a natureza das disputas de visibilidade entre os campos político e midiático. “[...] Um ator político jamais trabalha sozinho a recepção. Há de disputar esta batalha pela colonização do imaginário com os seus adversários do mundo político e com os diversos agentes do mundo da comunicação” (GOMES, 2004, p. 175). Para o autor, essas disputas norteiam toda a estratégia de comunicação política contemporânea e ajudam a entender como os veículos de comunicação operam a cobertura política. Ele afirma que tem-se chegado a um consenso de que “[...] parte considerável da disputa política ter sido convertida em luta pela imposição da imagem pública dos atores políticos, bem como em competição pela produção

da percepção pública dos interesses e das pretensões que se apresentam na cena política (GOMES, 2004, p. 146).

Gomes (2004) entende ainda que os jornalistas possuem a prerrogativa de controlar a visibilidade dentro esfera pública e que este quadro determina que para os agentes políticos seja imprescindível a demonstração de confiabilidade e credibilidade. “Se a visibilidade é um meio, a popularidade e a impopularidade são o objeto de desejo ou temor dos agentes do campo político [...]” (GOMES, 2004, p. 72). Weber (2004) corrobora com este entendimento ao considerar que a imprensa pode trabalhar na inserção e no reforço de algumas temáticas no debate público. Para a autora, este trabalho possibilita a construção (benéfica ou não) da imagem pública de certos atores políticos conforme o público tem sua rede de informações expandida e pode realizar essa concepção mais criticamente. Para Weber,

Cada ação política prevê apoio, defesa, ataque e, neste sentido, depende de visibilidade pública e, nessa direção, pactos e disputas são ingredientes permanentes dos modos de fazer e aparecer publicamente. É preciso promover, ser visto, aprovado, reconhecido como político, primeiramente no espaço partidário [...]. Outro nível de pactos e disputas da representação ocorre na intermediação dessa representação, especialmente nos media. As ações do representante político são justificadas, contestadas ou ignoradas em instâncias de produção de opinião e ações equivalentes. É o caso da base partidária, dos partidos adversários, movimentos sociais, entidades de classe, grupos religiosos, organizações representativas e, particularmente, os meios de comunicação de massa. (Weber, 2004, p. 16)

Em acréscimo à já citada contribuição do jornalismo para a construção da imagem pública de agentes políticos, Gomes (2004) também propõe que a imprensa assuma para si o papel fundamental de conferir a relação entre a imagem que determinado ator político tenta transmitir e as reais atitudes tomadas por este. “Vemos os próprios jornalistas exigirem de um ator político com imagem pública positiva que haja coerência entre imagem consolidada e atitudes que vieram a público recentemente” (GOMES, 2004, p. 146).

Para Weber (2004, p. 21), a construção da imagem pública “é um processo contínuo e alternado de oferecimento de informações, indução ao consumo destas, avaliação desse consumo”. Segundo a autora, existe uma frágil divisão sobre o que é real e o que é criado, e que em muitas situações as aparências, as impressões sobre certos atos valem tanto quanto ações concretas. De acordo com Weber (2004), as ações de comunicação dos agentes políticos já são criadas com o objetivo de alcançar bons resultados e atender às expectativas do público-alvo. A partir disso, obtém-se a imagem percebida pelas mídias e pelos formadores de opinião, imagem esta que seria impossível de ser controlada, pois atravessam uma rede de percepções e vivências até chegar ao outro.

2.4. *Ethos* político

A noção de *ethos* remonta à retórica de Aristóteles, pelo qual era entendido como “a imagem que um orador transmitia, implicitamente, de si mesmo, através de sua maneira de falar” (MAINGUENEAU, 2008, p. 59). Desde então, diversos estudiosos estabeleceram suas próprias definições de *ethos*. No campo da análise do discurso, o *ethos* assume noções como a de identidade social, a de representação do enunciador etc.

Fairclough (2001) caracteriza o *ethos* como a identidade social que os indivíduos assumem implicitamente por meio de comportamentos verbais e não-verbais. O autor entende que o *ethos* é “uma versão particular do ‘eu’”, expressada através da fala e das expressões corporais. Para Fairclough (2001), o comportamento total indica tanto a identidade social quanto a subjetividade dos sujeitos. “O *ethos* é o efeito cumulativo de sua disposição corporal total - o modo como se sentam, sua expressão facial, seus movimentos, seus modos de responder fisicamente ao que é dito” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 208).

Já Maingueneau (2008), caracteriza o *ethos* como a representação do corpo do enunciador, e não do indivíduo ‘real’. O autor atribui a esta representação caráter, agregando traços psicológicos, e corporalidade, associando traços físicos e indumentários. Para Maingueneau:

“Todo discurso, oral ou escrito, supõe um *ethos*: implica uma certa representação do corpo de seu responsável, do enunciador que se responsabiliza por ele. Sua fala participa de um comportamento global (...). Atribuímos a ele, dessa forma, um caráter, um conjunto de traços psicológicos e uma corporalidade (...). Caráter e corporalidade são inseparáveis, apoiam-se em estereótipos valorizados ou desvalorizados na coletividade, em que se produz a enunciação” (MAINGUENEAU, 2000, p.60)

A definição de *ethos* adotada por Charaudeau (2008), também traz a questão da identidade, assim como Fairclough. Para o autor, o *ethos* trata-se de uma construção da imagem de si, composta pela identidade que o locutor projeta de si durante seu discurso e da identidade que o observador atribui ao enunciador a partir da interação comunicacional. “O *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única” (CHARAUDEAU, 2008, p. 115).

Segundo Charaudeau (2008), como o *ethos* é uma percepção das representações sociais, ele pode ser associado tanto a indivíduos quanto a grupos. Mas diferente do *ethos* singular, que inclui a visão de si na construção da identidade, o *ethos* coletivo depende unicamente da opinião coletiva, do outro, a respeito deste grupo.

No discurso político, o *ethos* e as ideias são indissociáveis, pois a maneira em que estas últimas são apresentadas interfere diretamente na construção da imagem do ator político. Daí surgem as figuras identitárias do discurso político, que, segundo o autor, “se reagrupam em duas grandes categorias de *ethos*: o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de identificação” (CHARAUDEAU, 2008, p. 118).

O *ethos* de credibilidade é resultado da construção de uma identidade discursiva na qual os observadores passem a considerar o enunciador como alguém digno de confiança. Já no *ethos* de identificação, a imagem do ator político é concebida através do afeto social, a partir de uma identificação irracional em que o cidadão associa a sua própria identidade a do político. Dentro destas duas categorias há ainda representações de diversos outros *ethos*, que contribuem na construção de credibilidade e identidade para os sujeitos políticos. Portanto, para Charaudeau (2008):

“o *ethos* político é resultado de uma alquimia complexa feitas de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, tudo relacionado às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser” (CHARAUDEAU, 2008, p. 137)

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo iremos apresentar os métodos utilizados para a obtenção e análise de dados desta pesquisa. Para tanto, exploraremos dispositivos teóricos e analíticos dispostos pela Análise do Discurso (AD), em específico a de origem na escola francesa, pois consideramos que estes possibilitam estabelecer relações entre as condições de produção de discursos, sua disseminação e seus eventuais impactos. Como dispositivo de análise inerente ao campo sociológico, a AD nos permite verificar similaridades e afastamentos presentes no corpus de pesquisa a fim de chegar ao processo de identificação de formações discursivas em comum.

Neste sentido, iremos ainda estabelecer os critérios para delimitação do *corpus* de pesquisa, priorizando aspectos que possibilitem chegar à uma definição sobre a influência dos discursos propagados pelo jornalismo internacional na construção da imagem pública do presidente brasileiro perante povos estrangeiros.

3.1. Análise do Discurso

Maingueneau (1990, p.66 apud CULIOLI, 1981, p. 196), mostra que a Análise do Discurso (AD) da escola francesa surgiu com o papel de suceder as análises de textos escolares. Segundo o autor, haveria uma “obsessão francesa pela significação”, e, por isso, estes estudiosos teriam criado uma maneira de explorar as manifestações textuais sem a necessidade de se preocupar com a forma. Assim, a AD teria como objetivo superar o apego da análise de origem anglo-saxônica aos aspectos linguísticos e refletir acerca das significações presentes nos textos.

Para Orlandi (2005, p. 15), na Análise do Discurso “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, partes do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. A autora indica que a AD, como o próprio nome faz referência, está voltada para a compreensão do discurso, palavra esta que tem a sua etimologia ligada à ideia “de percurso”, “de movimento”, o que indica um estudo da linguagem como ato social do homem.

Para definir o que é discurso, Orlandi (2005) retoma o conceito de mensagem dentro dos estudos da Comunicação, e afirma que discurso é o contraponto deste. Para a autora, o discurso não é apenas uma forma de transmitir informação e nem possui uma “linearidade” em sua transmissão. O discurso, então, seriam os efeitos de sentidos produzidos

durante a dinâmica comunicacional, no decorrer do processo de troca entre os interlocutores. Para o êxito deste processo, todavia, é necessário que os envolvidos possuam conhecimento sobre as regras da língua e do contexto social em que o discurso ocorre. Orlandi afirma que

[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos [...]. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. (ORLANDI, 2005, p. 21)

Isto nos permite considerar que, na Análise do Discurso, o sentido estará inserido no objeto simbólico, o discurso, e em suas interpretações, considerando as condições da realidade em que é expresso. Foucault afirma que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1999, p. 26). Deste modo, as reflexões acerca dos textos jornalísticos escritos durante a pandemia de Covid-19, devem levar em conta o contexto único no qual foram feitos, bem como os cenários político, social e econômico atuais.

Portanto, para entender a Análise do Discurso é preciso compreender que a análise depende não somente do texto, mas do conhecimento sobre as condições de produção e as motivações por trás do discurso - a ideologia, sendo este último constitutivo importante da formação discursiva, conceito que exploraremos a seguir.

3.1.1 Formação Discursiva

As palavras utilizadas, a ordem em que estão dispostas, as referências feitas etc, compõem um conjunto de elementos que faz com que cada texto seja único. A definição sobre o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dentro de um contexto sócio-histórico, ou seja, de uma formação ideológica, caracteriza a formação discursiva (FD) na Análise do Discurso (ORLANDI, 2005, p. 43). Segundo Orlandi (2005, p. 43), “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro”.

A formação discursiva permite que o analista entenda como se dá “o processo de construção de sentidos, a sua relação com a ideologia” e identificar as regularidades apresentadas nos discursos (ORLANDI, 2005, p. 43). A formação discursiva possibilita ainda que sujeitos, pertencentes a uma mesma conjuntura sócio-histórica, cheguem a um acordo sobre os sentidos a serem atribuídos às palavras (BRANDÃO, 2004, p. 39).

Todavia, como visto, não existe construção de sentido isenta de influências ideológicas, e esta influência advém não da palavra em si, mas da forma em que a ideologia produz seus efeitos no discurso, ou seja, na discursividade (ORLANDI, 2005, p. 43). Assim, “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2005, p. 42 - 43). Deste modo, o uso de uma determinada palavra, em detrimento de outra, pode acarretar uma diferente interpretação perante os interlocutores do discurso. Por exemplo, quando uma autoridade pública relaciona a palavra “gripezinha” aos efeitos de um vírus de alto grau de contágio, e que causou colapsos nos serviços de saúde do país, ele agrega certas significações a este contexto.

Seguindo esta perspectiva, de acordo com Maingueneau (1997), na AD, a escolha do enunciado em função dos efeitos que pretende produzir sobre o público é feita pela FD, e não pelo enunciador. Ao mesmo tempo, o enunciador é também elemento constituinte da formação discursiva, pois é ele quem escolhe o que é dito e como é dito, imprimindo no enunciado a sua visão de mundo. Para Maingueneau:

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. *O que é dito e o tom* com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis. (Maingueneau, 1997, p. 45 - 46, grifo do autor).

Com isso, podemos afirmar que a composição do discurso na AD requer duas noções fundamentais: a compreensão dos códigos linguísticos e o processo discursivo ideológico. Assim, quando analisamos textos em outros idiomas, deve-se observar com especial atenção o entendimento sobre a base linguística apresentada, bem como os cenários sócio-históricos de seus países de origem. Para Brandão, “cabe à AD trabalhar seu objeto (o discurso) inscrevendo-o na relação da língua com a história, buscando na materialidade linguística as marcas das contradições ideológicas” (BRANDÃO, 2004, p. 40).

Por exemplo, a França é um país historicamente ligado a grandes revoluções sociais, com conotações liberais. O lema *Liberté, Égalité et Fraternité* (Liberdade, Igualdade e Fraternidade, em tradução livre) foi utilizado durante a Revolução Francesa, no século XVIII, mas persiste até hoje como máxima guia de movimentos em prol da democracia. A população francesa é ainda conhecida pelo senso-comum como um povo que se dispõe a realizar

manifestações, movimentos, greves etc quando entende que tem os seus direitos ameaçados e/ou violados. Tendo isto em vista, é imprescindível que ao analisarmos os discursos construídos sob esta visão de mundo, para atingir uma população com esta mesma ótica, as características anteriormente citadas constituam a sua formação discursiva.

No entanto, Brandão (2004) lembra que a formação discursiva não é uma delimitação fixa. Na verdade, a FD está dispersa em meio a diversas outras formações discursivas, que atravessam umas às outras trazendo o outro para si, e que se transformam conforme os sistemas de dominação ideológica entram em embate. Para a autora:

Uma FD é, portanto, heterogênea a ela própria: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de uma forma definitiva, separando um exterior e um interior, mas que se inscreve entre diversas FDs como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica (BRANDÃO, 1994, p. 40).

E é exatamente essas heterogeneidades que compõem os enunciados dos discursos que abordaremos em nosso próximo tópico.

3.1.2 Heterogeneidades enunciativas

Para Authier-Revuz (1990), o discurso é um produto heterogêneo resultado de diálogos entre um sujeito e outros discursos, bem como com outros interlocutores. Para a autora, o discurso não é nato a um único sujeito, e sim atravessado de diversos outros discursos, gerando uma discursividade heterogênea. Segundo a autora, “nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

Authier-Revuz (1990) explica que existem duas maneiras de manifestar as heterogeneidades dos enunciados: a mostrada e a constitutiva. Na heterogeneidade enunciativa mostrada há, geralmente, elementos identificatórios gráficos ou de tom e estilo no texto. Dentre os elementos gráficos podemos citar as aspas, os itálicos, os sublinhados, as marcações de glosas, etc. As distinções textuais, por sua vez, podem ser caracterizadas pela ironia, alusões, citações, estereótipos, pastiches etc. Mas Maingueneau (1997, p. 75) lembra que “os múltiplos fenômenos dependentes da “heterogeneidade mostrada” vão bem além da noção tradicional de citação e mesmo daquela, mais linguística, de discurso relatado (direto, indireto, indireto livre). O autor caracteriza heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, respectivamente:

[...] a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, P. 75)

A heterogeneidade mostrada se difere da heterogeneidade constitutiva por ser explícita. Durante a enunciação se faz evidente a referência a discursos anteriores, incorporados ao ‘novo’ discurso. A forma marcada de incorporar outros discursos ao seu próprio se justifica como um meio para enriquecer e dar relevância ao enunciado, ou ainda de atribuir responsabilidade sobre o conteúdo ao outro, se livrando de eventual ônus acarretado pelo discurso. Para Authier-Revuz, (1990, p. 33), “a presença do Outro emerge no discurso [...] a homogeneidade fazendo vacilar o domínio do sujeito; voltando o peso permanente do Outro localmente designado, [...], opera-se um retorno à segurança”.

Na heterogeneidade constitutiva a incorporação de outros discursos é feita de maneira implícita, produzida com base na alteridade e no ambiente discursivo. Authier-Revuz lista alguns elementos exteriores ao discurso que podem influenciar a sua constituição, existindo como um traço de heterogeneidade, são eles: uma outra língua; um outro registro discursivo (relações de proximidade, faixa etária, humor etc); um outro discurso (discurso técnico, de um grupo social específico, de uma orientação política etc); uma outra modalidade de consideração de sentido (polifonia, homonímia, metáfora etc); um outro (um interlocutor).

Esses elementos contribuem para a pluralidade de discursos contidos em um único discurso, ao mesmo tempo em que permitem ao sujeito se inserir no enunciado como indivíduo independente. De acordo com Authier-Revuz, (1990, p. 33), “para o sujeito dividido, o papel indispensável do Eu, é aquele de uma instância que, no imaginário, se ocupa de reconstruir a imagem de um sujeito autônomo”.

3.1.3 O sujeito e outros dispositivos teóricos

Se a Análise do Discurso procura compreender a produção de sentido em discursos feitos pelo e para o homem, o sujeito tem papel essencial neste processo, uma vez que não há discurso sem sujeito. Por sua vez, segundo Orlandi (2005, p. 46), o sujeito está diretamente ligado à sua história, por meio da memória, do inconsciente, e à ideologia, que coloca o homem “na relação imaginária com suas condições materiais de existência”.

Com isto em vista, o sujeito se caracteriza pela contraposição de autonomia e submissão ao seu próprio discurso, tornando-se ao mesmo tempo possuinte e produto de sua

subjetividade. Orlandi (2005, p. 46) diz que, considerando a ideologia e o inconsciente como estruturas-funcionamento para o sujeito, “sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas como “nas quais se constitui o sujeito”.

Para não se ter apenas uma concepção intemporal, a-histórica e mesmo biológica da subjetividade - reduzindo o homem ao ser natural - é preciso procurar compreendê-la através de sua historicidade. E aí podemos compreender essa ambiguidade da noção de sujeito que, se determina o que diz, no entanto, é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos.

O discurso enunciado por um sujeito é produto de vários fatores externos como sua história de vida, suas memórias, suas vivências, seus grupos de pertencimento etc. Estes elementos estão inseridos na ideologia, que regula a possibilidade de interpretação dos sujeitos. Para Brandão (2004, p. 38), essa regulação interpretativa é chamada de interpelação ideológica e “consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social”.

A partir desta inserção em um grupo ou classe social, em determinados momentos, o indivíduo pode envolver-se nas dinâmicas de enfrentamento político e ideológico. Os posicionamentos, diretrizes, alianças e antagonismos adquiridos nestes embates compõem a sua formação ideológica (FI). De acordo com Brandão (2004, p. 38), “cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras”. Maingueneau (1997, p. 60) complementa que a “ideologia não deve ser concebida como “visão de mundo”, mas como modo de organização, legível sobre as duas vertentes da prática discursiva”, sendo estas o discurso e o grupo social.

Com relação ao sujeito, a formação ideológica pode ter efeitos contrastantes. Ao mesmo tempo em que não há sujeito sem ideologia, a FI executa o seu assujeitamento a fim de torná-lo elemento incorporado ao discurso. Brandão (2004) explica que, na Análise do Discurso, a formação ideológica está relacionada ao modo de produção presente na formação social no qual o discurso foi produzido, logo o discurso provém da classe social e não do indivíduo.

Neste momento podemos levantar questionamentos acerca da ideologia dos jornais. Identificar a ideologia presente em cada veículo de comunicação permite a interpretação de suas matérias, mesmo considerando que cada sujeito (leitor) terá suas próprias interpretações. Segundo Orlandi (2005, p. 46), o “trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”.

E é este o papel do jornal enquanto sujeito enunciador, apresentar evidências a fim de produzir sentido. Para Orlandi (2005, p. 46) a evidência de sentido “faz com que uma palavra designe uma coisa [...]. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações”. Como, por exemplo, quando num título de matéria jornalística se escolhe utilizar a expressão “devastam o Brasil”, ao invés de outros como “atingem o Brasil” ou “afetam o país”.

A evidência do sujeito, por sua vez, remete à ideia de que estamos constantemente atribuindo sentido às coisas. De acordo com Orlandi (2005, p. 46 - 47), a evidência do sujeito “apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. [...] São essas evidências que dão ao sujeito a realidade como sistema de significações percebidas, experimentadas”.

Assim, “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2005, p. 48). Para a autora, como não existe uma relação lógica-literal entre linguagem-mundo-pensamento, as ações interpretativas são possíveis a partir da intervenção da ideologia, ao designar sentido às coisas. Por isso, na AD, o sujeito não se apega às restrições de significação literal das palavras, “mas um sentido instituído historicamente na relação sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso” (ORLANDI, 2005, p. 52).

As condições de produção (CPs) são também dispositivos que devem ser levantados durante a Análise do Discurso, pois estão ligadas ao contexto em que o sujeito está inserido. Segundo Orlandi (2005, p. 30), no sentido estrito as condições de produção referem-se ao contexto imediato, às circunstâncias nas quais a enunciação é feita. Já no sentido amplo, as condições de produção “incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”.

Maingueneau (1997, p. 55) explica que não se trata de utilizar-se da AD para conceber estudos sociológicos acerca de um objeto de pesquisa, como o discurso político, o discurso das mídias etc, mas sim de “articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que estas duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica”.

A memória, no que lhe concerne, tem a sua função associada ao discurso, sendo tratada como interdiscurso. Também abordado como memória discursiva, o interdiscurso retoma tudo aquilo que já foi dito com o objetivo de elaborar sentidos. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2005, p. 31). Por exemplo, numa situação em que um ator político concede entrevista a um repórter ou veículo de comunicação, ali estão atuando como significações todas as entrevistas concedidas anteriormente, não apenas por aquele ator político em específico, como todos os depoimentos realizados até ali que se encaixem no mesmo contexto. Neste cenário, o sujeito se utiliza da memória armazenada, muitas vezes, inconscientemente, na construção do seu discurso. É graças ao que já foi dito no passado (interdiscurso) que podemos elaborar novos discursos e tirar deles sentidos. Maingueneau (1997, p. 115) ainda conclui que “o “domínio da memória” representa o interdiscurso como *instância de construção de um discurso transverso* que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciador, quanto o modo de articulação desses objetos”.

3.1.4 Enunciação e Polifonia

Benveniste (1974 apud BRANDÃO, 2004) define a enunciação como a ação de apropriar-se da língua a fim de dizer algo. Para o autor, a Análise do Discurso deve dedicar maior atenção à análise do “ato de produzir um enunciado” do que ao texto em si. Benveniste ainda propõe dois aspectos característicos da enunciação: a de conferir concretude à língua, ou seja, a língua somente adquire relação com o mundo quando empregada na enunciação; e a de consentir sentido ao sujeito dentro de seu próprio discurso através da subjetividade.

Benveniste (1974 apud BRANDÃO, 2004) explica que a subjetividade “é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua”. O autor explica que essa inserção do sujeito no discurso se dá através de recursos fornecidos pela língua, como os pronomes pessoais, e que ao inserir um *eu* no processo de enunciação, inevitavelmente se introduz-se um *tu*.

Eu e tu são os protagonistas da enunciação e, referindo um indivíduo específico, apresenta a marca da *pessoa*. Distinguem-se, entretanto, pela marca da subjetividade: *eu* é pessoa subjetiva e *tu* pessoa não-subjetiva. Nessa correlação de subjetividade, Benveniste reconhece uma transcendência do primeiro sobre o segundo (“... ego tem sempre uma posição de transcendência em relação ao tu, apesar disso nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares e ao mesmo tempo reversíveis”) (BENVENISTE, 1966, p. 286 apud BRANDÃO, 1994, p. 47)

Maingueneau (1997, p. 50), por sua vez, diverge da definição de Benveniste ao afirmar que “a enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem”. O autor procura acentuar mais o viés social da relação eu-tu, pois, para ele, a interação abrange também os aspectos ideológicos. Maingueneau destaca que é papel da AD não apenas explicitar a produção de certos enunciados em desfavor de outros, mas também o de apresentar como se deu o processo de enunciação em relação ao sujeito e à formação ideológica colocada.

No mesmo sentido, Bakhtin (2006) corrobora com a definição de enunciação ao destacar a natureza dialógica do fenômeno. Segundo o autor, a interação entre sujeito e interlocutor não é somente um resultado da enunciação, mas faz parte do processo da mesma. “Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular” (BAKHTIN, 2006, p. 96). Para ele, a enunciação é um sistema em que sempre acontece um diálogo, seja entre locutor e interlocutor, seja entre o enunciado e outros enunciados.

Já para Ducrot (1987), a enunciação é constitutiva dos sentidos dos enunciados. O autor afirma que a enunciação é “o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. [...] é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois” (DUCROT, 1987, p. 168). Com base no conceito de dialogismo proposto por Bakhtin, Ducrot (1987) sugere um conceito de enunciação de caráter polifônico, onde para cada enunciado exista um sujeito ou vários sujeitos.

Ducrot (1987) ainda diferencia sujeito falante, locutor e enunciador. Segundo ele, o sujeito falante é aquele que existe no mundo real (a pessoa em si); o locutor é aquele que compõe o discurso, é responsável pelo enunciado; e o enunciador refere-se ao ser empírico, que expressa um ponto de vista sobre um objeto a partir de determinada perspectiva.

4. ANÁLISE

Este capítulo será dedicado à análise dos títulos e subtítulos de matérias relacionadas à situação da pandemia de Covid-19 no Brasil veiculadas em veículos de imprensa internacionais.

Para tanto, a fim de oferecer material que auxilie na obtenção de resposta para os questionamentos de nossa pesquisa, foi construído um corpus composto de 14 títulos e subtítulos de matérias jornalísticas veiculadas em 3 veículos de comunicação internacionais entre os anos de 2020 e 2021. Na sequência, justificamos os critérios de escolha desse corpus, bem como apresentamos o detalhamento de sua composição.

Depois de definido o corpus, iniciaremos a análise com base nos dispositivos teóricos disponibilizados pela Análise do Discurso da escola francesa, previamente apresentados neste trabalho, a fim de definir como se deu a construção da imagem do presidente Jair Bolsonaro como gestor do Brasil durante o período da pandemia de Covid-19.

4.1. Delimitação do corpus

A presente pesquisa utiliza-se de uma abordagem predominantemente qualitativa, pois é caracterizada pela análise subjetiva dos dados a fim de apreender não apenas o que significam, como também identificar o contexto em que o objeto foi construído e inclui-se socialmente. A pesquisa qualitativa geralmente obedece a três procedimentos durante a análise de dados: redução, exibição e conclusão (MILES e HUBERMAN, 1994). Na redução, os dados coletados são reduzidos para uma seleção de amostras consideradas mais significativas de serem analisadas. A exibição destaca as aproximações e distanciamentos entre os dados. Na conclusão, há a verificação dos resultados obtidos, neste momento são explicados os padrões encontrados. Já a análise em si não fica restrita a determinado momento “ela é cíclica ou concomitante à coleta de dados. A rigor, o processo de análise inicia-se no momento da própria coleta; essas duas etapas se comunicam”. (TESCH apud GIL, 2008).

Orlandi (2005) afirma que a constituição do corpus de pesquisa está profundamente ligada à Análise do Discurso que o analista se propõe a fazer. Segundo a autora:

[...] decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise do discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. (ORLANDI, 2005, p. 63)

Neste sentido, a delimitação do corpus desta pesquisa tem início com a escolha dos veículos de comunicação dos quais os títulos e subtítulos serão retirados. Considerando que a disseminação da pandemia se deu em praticamente todo o mundo e sem desprezar as disparidades de impacto, os critérios utilizados foram os de alcance de audiência, representação regional, repercussão internacional, contexto geopolítico e as de relações internacionais existentes entre o Brasil e os países de origem dos jornais/agências de notícias.

Assim, para uma maior abrangência internacional, mas tendo em conta a impossibilidade de contemplar todos os continentes, foram selecionados um jornal de três continentes diferentes.

Para representar as Américas o escolhido foi o jornal The New York Times. Sendo hoje o maior jornal do mundo em número de assinantes, o The New York Times é uma escolha lógica quando se trata de expressividade no jornalismo mundial. Com seus 7,5 milhões de assinantes, considerando as plataformas digitais e o impresso, segundo relatório divulgado em fevereiro de 2021 pela The New York Times Company, o centenário jornal norte-americano pode ser considerado um exemplo de publicação que conseguiu transpor as barreiras geográficas de seu país de origem e, atualmente, é consumida em diversos locais do mundo. Com o alinhamento editorial mais próximo ao liberal, o jornal explora os mais diversos temas do cotidiano, com destaque para os temas relacionados à política nacional estadunidense e internacional.

A inclusão de um jornal norte-americano se dá também pelas similaridades na condução da crise sanitária nos dois países no início da pandemia, bem como a influência do governo de Donald Trump sobre as decisões do governo Bolsonaro. Apelidado de ‘Trump dos Trópicos’ pela imprensa estrangeira, o presidente brasileiro frequentemente fez clara a sua admiração pelo então presidente norte-americano e, provavelmente, em decorrência disso, tomou decisões semelhantes às de Trump ao amenizar a gravidade da doença nos primeiros meses de sua propagação.

Já como representante da Europa o veículo selecionado foi o jornal Le Monde. Criado em 1944, o periódico nasceu com a intenção de ser o jornal em língua francesa de referência no mundo. Inicialmente com foco nos textos de análise e opinião, atualmente a publicação francesa demarca claramente a cobertura de notícias em oposição aos textos opinativos. Com a circulação de cerca de 400 mil exemplares por edição apenas na França, de acordo com a ACPM (l’Alliance pour les Chiffres de la Presse et des Médias), o jornal conta com uma audiência de mais de 2 milhões e 400 mil pessoas ao redor do mundo, sendo a maior parte vindas de acessos à sua versão digital.

A escolha de um jornal francês se justifica ainda quando se aborda o histórico das relações internacionais entre os dois países. Com antecedentes de ocasionais conflitos, mas de uma boa relação no geral, a gestão Bolsonaro instalou uma crise diplomática, que segue se agravando, entre França e Brasil desde o início de seu governo. Em agosto de 2019, esta crise teve possivelmente o seu capítulo de maior destaque quando o presidente francês Emmanuel Macron acusou abertamente o presidente brasileiro de mentir sobre os compromissos do país com o meio ambiente. Bolsonaro, por sua vez, acusou o governo francês de “evocar uma mentalidade colonialista” ao querer discutir temas relacionados à Amazônia sem a presença de representantes brasileiros. A crise epidemiológica gerada pelo novo Coronavírus acentuou ainda mais as discordâncias entre Brasil e França, que adotaram medidas relativamente opostas para a contenção da pandemia, onde o governo francês chegou a determinar a interrupção de voos e o fechamento das fronteiras entre os dois países.

O terceiro veículo escolhido para análise foi a agência de notícias Xinhua News Agency, da China. De acordo com a enciclopédia Britannica, a agência de notícias chinesa foi criada em 1931 pelo Partido Comunista Chinês (PCC) com o objetivo de divulgar as ações do partido. Atualmente, a sede da agência é localizada em Pequim, e há ainda redações correspondentes espalhadas pelo mundo. Ela é considerada a principal agência de notícias do país, fornecendo material para grande parte das publicações chinesas. Apesar de funcionar sob a influência do governo chinês e promover as políticas oficiais do país, a Xinhua trabalha hoje num padrão similar a outras agências de notícias do mundo, com foco principal em conteúdos internacionais e suas relações com a China.

A opção por uma representação chinesa se dá, para além da diversidade cultural, principalmente pelas relações diplomáticas conflituosas que a pandemia gerou entre Brasil e China. Tendo sido o país que primeiro notificou a circulação da Covid-19, a China passou a ser alvo de ataques do governo brasileiro, em reverberação ao discurso adotado pelo então presidente norte-americano Donald Trump. O presidente Bolsonaro se referiu, em diversas ocasiões, ao Coronavírus como “vírus Chinês”, o que gerou reações insatisfeitas da diplomacia do país asiático. Além de atribuir a “culpa” da pandemia à China, o presidente brasileiro ainda desacreditou diversas vezes a vacina fabricada pelo Instituto Butantan, em parceria com o laboratório chinês Sinovac. A situação, no entanto, teve que ser posteriormente contornada pelo governo brasileiro a fim de melhorar as relações entre os dois países, pois a China é a principal fornecedora de insumos para a produção de imunizantes no Brasil. Além disso, há uma grande dependência comercial do Brasil em relação à China. Em

2020, cerca de um terço de todas as transações comerciais brasileiras no exterior foram feitas com o país asiático.

Justificada a escolha dos três veículos de comunicação utilizados como fonte de material para a pesquisa, seguimos para a delimitação das matérias das quais foram extraídas títulos e subtítulos. Devido ao grande volume de matérias sobre a crise sanitária relacionadas ao Brasil produzidas por esses veículos, em especial pelos jornais The New York Time e Le Monde, e a fim de viabilizar a pesquisa, foi determinado o limite de 5 matérias por jornal/agência de notícias.

Os critérios empregados foram, em ordem de relevância: o recorte temporal, com a seleção de matérias publicadas entre março de 2020 e julho de 2021; recorte de alcance, escolha de matérias publicadas tanto nas versões impressas quanto nos meios eletrônicos dos jornais, exceto no caso da agência Xinhua News que possui seu conteúdo exclusivo na internet; presença das palavras-chave ‘Jair Bolsonaro’, ‘Bolsonaro’, ‘presidente do Brasil’ e suas variações nos títulos das matérias; e as similaridades entre os temas e termos utilizados nos títulos e subtítulos. Os resultados da aplicação desses critérios, que compõem o corpus a ser analisado por esta pesquisa, seguem detalhado no quadro a seguir.

MATÉRIA N°	TÍTULO	SUBTÍTULO	VEÍCULO	DATA DE PUBLICAÇÃO
1.	Bolsonaro, Isolated and Defiant, Dismisses Coronavirus Threat to Brazil	President Jair Bolsonaro, who has called the virus a “measly cold”, is the sole major world leader continuing to question the merits of lockdown measures to fight the pandemic.	The New York Times	01/04/2020
2.	Bolsonaro Hails Anti-Malaria Pill Even as He Fights Coronavirus	He is infected and has Covid-19 symptoms, but Brazil’s president still endorses hydroxychloroquine, an unproven treatment. He projects optimism amid a pandemic that kills over 1,000 Brazilians a day.	The New York Times	08/07/2020
3.	As Brazil’s Covid Crisis Eases, Bolsonaro Sees Rising Popularity	President Jair Bolsonaro’s cavalier handling of the coronavirus pandemic drew outrage. But as the curve in Brazil has flattened, his political standing has strengthened.	The New York Times	16/11/2020
4.	Bolsonaro Talked Vaccines Down. Now Brazil Has Too Few Doses.	The country is paying a price for its leader’s slow pursuit of coronavirus vaccines early on. That lapse may hinder Brazil’s ability to fight worrisome variants as cases surge.	The New York Times	18/01/2021

5.	As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds	Critics see the recent behavior of Brazil's president — polarizing in the best of times — as an unnerving sign of a flailing leader. His strategy, if there is one, is difficult to discern.	The New York Times	31/03/2021
6.	Coronavirus: au Brésil, Bolsonaro de plus en plus isolé face à sa gestion de la crise sanitaire	Un climat délétère règne au sommet de l'Etat, le président d'extrême droite s'étant aliéné presque tous les gouverneurs du pays.	Le Monde	04/04/2020
7.	Au Brésil, Bolsonaro utilise à son avantage la crise du Covid-19	La pandémie produit ce dont le président brésilien a le plus besoin : le chaos, qui lui a permis de ressouder son gouvernement et de remobiliser sa base.	Le Monde	24/06/2020
8.	Au Brésil, plus de 105 000 morts et un président "guéri grâce à la chloroquine"	La courbe des transmissions dans les grandes villes et le nord du pays a été légèrement aplanie, mais ce sont désormais le sud et l'ouest qui sont touchés de plein fouet.	Le Monde	14/08/2020
9.	Au Brésil, une campagne de vaccination à l'arrêt, "sabotée" par Jair Bolsonaro	Antivaccin notoire, le président a refusé d'être immunisé et il a appelé la population à ne pas servir de "cobaye" aux firmes pharmaceutiques.	Le Monde	22/02/2021
10.	"Nous aurions pu éviter tous ces morts": à Rio, Bolsonaro conquis pour sa gestion de la pandémie	Plusieurs dizaines de milliers de personnes ont défilé, samedi, à travers les grandes villes du pays, dénonçant notamment les dysfonctionnements qui ont entravé la campagne de vaccination.	Le Monde	04/07/2021
11.	Brazilian president moves to limit public-sector liability over COVID-19		Xinhua News	15/05/2020
12.	Bolsonaro threatens to withdraw Brazil from WHO	Bolsonaro said Brazil will consider leaving the WHO unless it stops being a "partisan political organization."	Xinhua News	06/06/2020
13.	Brazilian president vetoes law requiring use of masks in public spaces		Xinhua News	04/07/2020
14.	Brazil should return to post-pandemic normality "as fast as possible," says president		Xinhua News	01/04/2021

Tabela 1 - Títulos, Subtítulos, Veículos e Datas de Publicação das Matérias em seus idiomas originais

MATÉRIA Nº	TÍTULO	SUBTÍTULO	VEÍCULO	DATA DE PUBLICAÇÃO
1.	Bolsonaro, isolado e desafiador, descarta a ameaça do coronavírus ao Brasil	O presidente Jair Bolsonaro, que chamou o vírus de um “miserável resfriado”, é o único grande líder mundial que continua a questionar os méritos das medidas de confinamento para combater a pandemia.	The New York Times	01/04/2020
2.	Bolsonaro saúda remédio anti-malária mesmo quando luta contra o Coronavírus	Ele está infectado e tem sintomas de Covid-19, mas o presidente do Brasil ainda endossa a hidroxicloroquina, um tratamento não comprovado. Ele projeta otimismo em meio a uma pandemia que mata mais de 1.000 brasileiros por dia.	The New York Times	08/07/2020
3.	À medida que a crise de Covid no Brasil se acalma, Bolsonaro observa popularidade crescer	A maneira descuidada de lidar com a pandemia do coronavírus pelo presidente Jair Bolsonaro provocou indignação. Mas, à medida que a curva no Brasil se achatou, sua posição política se fortaleceu.	The New York Times	16/11/2020
4.	Bolsonaro recusou vacinas. Agora Brasil tem poucas doses	O país está pagando o preço pela lenta busca de vacinas contra o coronavírus por seu líder desde o início. Esse lapso pode prejudicar a capacidade do Brasil de combater variantes preocupantes à medida que os casos aumentam.	The New York Times	18/01/2021
5.	Enquanto vírus e desgraças econômicas devastam o Brasil, Bolsonaro improvisa e confunde	Os críticos vêem o comportamento recente do presidente do Brasil - polarizando nos melhores momentos - como um sinal enervante de um líder debatendo-se. Sua estratégia, se houver, é difícil de discernir.	The New York Times	31/03/2021
6.	Coronavírus: no Brasil, Bolsonaro cada vez mais isolado diante de sua gestão da crise sanitária	Um clima deletério reina no topo do País, com o presidente de extrema direita se afastando de quase todos os governadores do país.	Le Monde	04/04/2020
7.	No Brasil, Bolsonaro usa a crise de Covid-19 a seu favor	A pandemia está produzindo o que o presidente brasileiro mais precisa: o caos, que lhe permitiu reagrupar seu governo e remobilizar sua base.	Le Monde	24/06/2020
8.	No Brasil, mais de 105 mil mortos e um presidente "curado graças à cloroquina"	A curva de transmissão nas grandes cidades e no norte está sendo ligeiramente achatada, mas agora o sul e o oeste são atingidos com força total.	Le Monde	14/08/2020

9.	No Brasil, uma campanha de vacinação interrompida, "sabotada" por Jair Bolsonaro	Notório anti-vacina, o presidente recusou-se a ser imunizado e apelou para que a população não seja usada como "cobaia" pelas empresas farmacêuticas.	Le Monde	22/02/2021
10.	“Poderíamos ter evitado todas essas mortes”: no Rio, Bolsonaro é vaiado por sua administração da pandemia	Várias dezenas de milhares de pessoas marcharam no sábado pelas principais cidades do país, denunciando especialmente as disfunções que dificultaram a campanha de vacinação.	Le Monde	04/07/2021
11.	Presidente brasileiro pretende limitar responsabilidade do setor público sobre COVID-19		Xinhua News	15/05/2020
12.	Bolsonaro ameaça retirar Brasil da OMS	Bolsonaro disse que o Brasil considerará deixar a OMS, a menos que esta pare de ser uma "organização política partidária".	Xinhua News	06/06/2020
13.	Presidente brasileiro veta lei que exige o uso de máscaras em espaços públicos		Xinhua News	04/07/2020
14.	O Brasil deve voltar à normalidade pós-pandemia "o mais rápido possível", diz presidente		Xinhua News	01/04/2021

Tabela 2 - Títulos, Subtítulos, Veículos e Datas de Publicação das Matérias em tradução livre

4.2. Análise dos títulos e subtítulos

Orlandi (2005, p. 69) afirma que o texto só pode ser unidade de análise porque “representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentidos entre locutores”. A autora explica que, para a Análise do Discurso, o texto não é apenas um “dado” linguístico, mas trata-se de um “fato” discursivo que relaciona a língua com a história enquanto o atribui significantes.

Antunes (2020, p. 95) explica que na perspectiva da AD, os títulos de jornais configuram uma categoria ou gênero discursivo específico, o da informação, e que têm a função de iniciar um conteúdo informativo. Enquanto Maingueneau (1997, p. 38) complementa ao afirmar que “de qualquer forma, a AD não pode deixar de refletir sobre o gênero quando aborda um corpus. Um enunciado “livre” de qualquer coerção é utópico”.

Antunes (2020) ainda expõe que dentro da própria AD existem diferentes abordagens acerca da interpretação dos títulos:

No âmbito da AD há diferentes perspectivas de abordagem dos títulos. Imbert (1988) faz uma análise dos títulos buscando constituir uma tipologia discursiva. Van Dijk (1990, 1998) constrói uma abordagem dentro de uma matriz psicolinguística de compreensão do discurso. Véron (2004) investiga os títulos identificando o papel que o componente ideológico joga na produção de sentido. Já Mouillaud (1989, 1997) procura estudar os títulos em seu funcionamento. (ANTUNES, 2020, p. 95)

Diante disso, escolhemos então nos atermos à perspectiva concebida por Mouillaud (1997, p. 99), que confere ao título local próprio como “enunciado da língua”, “uma região-chave que é o articulado e o articulador do jornal, a expressão de sua estrutura”. Para o autor, o título não é apenas uma peça que integra um conjunto de informações ou a variação de um enunciado linguístico, mas a principal unidade que dá voz ao jornal.

Mouillaud (1997) classifica os títulos, com base em seus sistemas discursivos, em referenciais e informativos. Os títulos referenciais são aqueles que sintetizam uma situação, podem se prolongar por mais de uma edição do jornal e são seguidos por um outro enunciado que complementa a informação. Já os títulos informacionais são de ocorrência única, de caráter particular e estão relacionados a um recorte de um acontecimento específico. Segundo o autor, nos títulos informacionais a referência está inserida no enunciado, seja porque ela é bastante evidente e não precisa ser objeto principal do discurso, seja porque a informação domina a referência, sendo ela o objeto de maior relevância. Para o autor, a escolha por um ou outro tipo de título pode ser considerada uma interpretação do jornal com o objetivo de orientar o entendimento do leitor.

Para Antunes (2020, p. 96), os títulos são frequentemente associados pelos profissionais do jornalismo a um método de condensar informações de um texto em um enunciado curto, no entanto, para a AD o título:

não saberia fazê-lo e vários dados indicam que não é essa a sua finalidade, mas captar, selecionar, implicar e orientar, inserindo os dados num complexo de experiências enciclopédicas, sociais e ideológicas a fim de produzir uma série de efeitos contextuais. [...] o título atua, portanto, na captação do leitor enquanto consumidor de informação, por um lado, e como um espaço estratégico de posicionamento do enunciador, por outro lado. (SOUZA, 1996, p. 176 apud ANTUNES, 2020, p. 96)

4.3. Formações Discursivas

Utilizando dos dispositivos teóricos disponibilizados pela AD, analisamos o processo discursivo da produção de sentidos presente nos títulos e subtítulos dos três jornais selecionados, e identificamos e classificamos 8 (oito) formações discursivas (FDs). Esclarecemos que cada enunciado pode apresentar mais de uma formação discursiva, produzindo múltiplos sentidos a respeito da imagem que esses enunciados transmitem sobre o presidente brasileiro e sua gestão da pandemia de Covid-19.

FORMAÇÃO DISCURSIVA		SENTIDOS
FD1	Negacionismo	O presidente se recusa a seguir as orientações dos especialistas da saúde
FD2	Isolamento	Os atos do presidente vão na contra-mão de outras autoridades/gestores
FD3	Anticiência	O presidente desconsidera estudos científicos
FD4	Impacto	Dimensiona o impacto das ações do presidente na vida dos brasileiros
FD5	Despreparo	O presidente se mostra incapaz de gerir a crise
FD6	Aversão	A gestão do presidente em relação à crise sanitária gera insatisfação
FD7	Capital Político	O presidente tem seu capital político afetado pela situação em questão
FD8	Orientação ideológica	O presidente se guia por suas orientações política-ideológicas

Tabela 3 - Lista de Formações Discursivas e Sentidos

Descrevemos a seguir as expressões e enquadramentos empregados nos títulos e subtítulos analisados que permitiram a definição de cada uma das formações discursivas.

4.3.1. Negacionismo

Em diversos títulos e subtítulos que constituem nosso corpus de pesquisa identificamos marcas discursivas que nos remetem à ideia de que o presidente Jair Bolsonaro estaria se recusando a implementar as orientações dos especialistas da área da saúde no que concerne aos métodos de prevenção e tratamento da Covid-19.

Notamos tal intenção principalmente no título “*Bolsonaro, Isolated and Defiant, Dismisses Coronavirus Threat to Brazil*” (Bolsonaro, isolado e desafiador, descarta a ameaça

do coronavírus ao Brasil, em tradução nossa), do jornal The New York Times. Neste enunciado, o presidente pode ser classificado como estando “isolado” em suas decisões a respeito da condução da pandemia e “desafiador” diante das medidas sugeridas por órgãos de saúde. Na mesma sequência discursiva, o enunciado ainda evoca o próprio presidente como sujeito que compõe a enunciação através do discurso indireto “descarta a ameaça do coronavírus ao Brasil”, trecho em que demonstra a incredulidade de Bolsonaro em relação ao perigo circunstancial que o Coronavírus representava.

April 1, 2020

AMERICAS

Bolsonaro, Isolated and Defiant, Dismisses Coronavirus Threat to Brazil

President Jair Bolsonaro, who has called the virus a “measly cold,” is the sole major world leader continuing to question the merits of lockdown measures to fight the pandemic.

By Ernesto Londoño, Manuela Andreoni and Leticia Casado



PRINT EDITION President of Brazil Defiantly Rejects the Calls to Institute a Lockdown | April 2, 2020, Page A5

Figura 1 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 01/04/2020

Nos títulos, “*Bolsonaro Talked Vaccines Down. Now Brazil Has Too Few Doses*” (Bolsonaro recusou vacinas. Agora Brasil tem poucas doses, em tradução nossa), do The New York Times; “*Brazilian president vetoes law requiring use of masks in public spaces*” (Presidente brasileiro veta lei que exige o uso de máscaras em espaços públicos, em tradução nossa); e “*Brazil should return to post-pandemic normality "as fast as possible," says president*” (O Brasil deve voltar à normalidade pós-pandemia "o mais rápido possível", diz presidente, em tradução nossa), ambos da agência Xinhua News, há também a identificação de marcas discursivas que sugerem negacionismo por parte de Bolsonaro.


Jan. 18

AMERICAS

Bolsonaro Talked Vaccines Down. Now Brazil Has Too Few Doses.

The country is paying a price for its leader's slow pursuit of coronavirus vaccines early on. That lapse may hinder Brazil's ability to fight worrisome variants as cases surge.

By Ernesto Londoño, Manuela Andreoni and Leticia Casado



PRINT EDITION Brazil Starts Vaccinations Amid a Resurgence | January 19, 2021, Page A4

Figura 2 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 18/01/2021

O primeiro afirma que Bolsonaro recusou vacinas, o que tanto no contexto de pandemia em que o discurso se insere quanto num contexto histórico geral pode ser considerado uma atitude negativa, principalmente visto que o Brasil possui um histórico de grande adesão por parte da população às vacinas como método de prevenção de doenças. Da forma em que foi estruturado, o enunciado demonstra sua formação ideológica de aderência à uma atitude pró-vacina, além de implicar indiretamente uma responsabilização ao governante brasileiro pelo número insuficiente de imunizantes disponíveis à sua população.

O segundo título anuncia uma outra atitude que pode ser interpretada como negativa. A obrigatoriedade do uso de máscaras em espaços públicos foi uma das principais recomendações dos órgãos de saúde, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS), e foi amplamente aplicada por governos de países afetados pela Covid-19. Assim, a não adoção dessa medida possibilitou conferir aos governantes contrários, através de uma comparação implícita, o rótulo de negacionistas. Em relação à sua construção, o enunciado não apresenta expressivas marcas de produção de sentido, cabendo ao leitor interpretar a informação fornecida conforme sua formação ideológica. Deste modo, podem surgir os vieses dos direitos constitucionais e de liberdade de escolha, que garantiriam ao cidadãos o direito de não serem obrigados a usar máscaras ou qualquer outro acessório em espaços públicos, tornando o uso uma escolha pessoal.

The image shows the top navigation bar of the Xinhua News website. It features a dark blue background with white text for navigation tabs: Home, China, World, Business, Culture, Sports, Sci & Tech, In-depth, Entertainment, and More v. Below the navigation bar is the Xinhua News logo, which includes the text 'www.news.cn', '新华网', 'NEWS', and 'www.xinhuanet.com'. To the right of the logo is the 'XINHUANET' logo in large blue letters. Further right, the date 'Thursday, July 15, 2021' is displayed, along with a search bar and a dropdown menu labeled 'Editions v'.

Brazilian president vetoes law requiring use of masks in public spaces

Source: Xinhua | 2020-07-04 05:55:06 | Editor: huaxia

Figura 3 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 04/07/2020

O terceiro título aponta para um discurso em que o próprio presidente é o sujeito. De acordo com o enunciado, Bolsonaro desejaria que o país retomasse “à normalidade” o quanto antes. Essa construção atribui um novo ângulo à perspectiva em que o presidente é apresentado como negacionista ao admitir no texto o termo “pós-pandemia”, o que já infere uma consciência acerca do existência de uma pandemia, mas que ainda sim pode persistir

sendo interpretado com um tom de menosprezo quando associado à expressão "o mais rápido possível", pois, a partir dessa construção específica, é concebível a negação do prolongamento das medidas de prevenção e cuidado com a disseminação do vírus.



Brazil should return to post-pandemic normality "as fast as possible," says president

Source: Xinhua | 2021-04-01 05:10:22 | Editor: huaxia

Figura 4 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 01/04/2021

4.3.2. Isolamento

Outro aspecto interpretativo extraído dos títulos e subtítulos analisados foi o de que o presidente Jair Bolsonaro estaria isolado em suas decisões acerca das medidas de contenção da pandemia. No título “*Coronavirus: au Brésil, Bolsonaro de plus en plus isolé face à sa gestion de la crise sanitaire*” (Coronavírus: no Brasil, Bolsonaro cada vez mais isolado diante de sua gestão da crise sanitária, em tradução nossa), do jornal Le Monde, o enunciado utiliza o próprio adjetivo “isolado” para descrever a situação do presidente. Além disso, o uso do termo “cada vez mais” ainda atribui um crescimento para o isolamento do presidente, e uma causa para tal fato é implicada com o trecho “diante de sua gestão da pandemia”. A partir desta enunciação isolada, não podemos afirmar com certeza qual o referencial de aplicação da formação discursiva, o que nos leva a depender do subtítulo da matéria para apreender os sentidos pretendidos pelo enunciador.



Figura 5 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 04/04/2020

No subtítulo *“Un climat délétère règne au sommet de l’Etat, le président d’extrême droite s’étant aliéné presque tous les gouverneurs du pays.”* (Um clima deletério reina no topo do País, com o presidente de extrema direita se afastando de quase todos os governadores do país, em tradução nossa), o enunciador explicita que o “isolamento” posto é relacionado aos “governadores do País”, o que nos permite supor que estes seriam contrários às medidas adotadas por Bolsonaro, e, por causa disso, estariam se afastando do chefe de estado brasileiro. No entanto, poderíamos também considerar que o movimento de “isolamento” partiu de Bolsonaro, o que alteraria o sentido do enunciado, não fosse o tom negativo do adjetivo “deletério” atribuído ao clima reinante no governo comandado por Bolsonaro, bem como a presença do termo “extrema-direita” que marca a heterogeneidade constitutiva do enunciado ao retomar uma série de discurso anteriores imputados à esta vertente política para conferir sentido no contexto apresentado.

O título construído pelo jornal francês converge ainda com o título apresentado anteriormente na seção que aborda a formação discursiva de negacionismo, assim como também ocorre com o subtítulo associado a ele. No subtítulo *“President Jair Bolsonaro, who has called the virus a “measly cold”, is the sole major world leader continuing to question the merits of lockdown measures to fight the pandemic.”* (O presidente Jair Bolsonaro, que chamou o vírus de um “mísero resfriado”, é o único grande líder mundial que continua a questionar os méritos das medidas de confinamento para combater a pandemia, em tradução nossa), o trecho “é o único grande líder mundial” indica o “isolamento” do presidente brasileiro em um contexto mais amplo, em escala global. Como explicado anteriormente, no cenário internacional, o presidente brasileiro possuía uma aproximação político-ideológica com o então presidente norte-americano Donald Trump. Ambos, pelo menos inicialmente, adotaram ações parecidas em face à pandemia de Covid-19, no entanto, a postura de Trump foi mudando, em prol das medidas de proteção contra o vírus, conforme o número de mortos crescia em seu país. E, em novembro de 2020, o presidente brasileiro perdeu o seu aliado ideológico de maior destaque internacional, pois Trump foi derrotado nas eleições para a Casa Branca, deixando o governo norte-americano definitivamente em janeiro de 2021. Assim, podemos interpretar que o subtítulo apresentado infere que um isolamento político foi imposto a Bolsonaro, e não o contrário, também no cenário internacional.

Já no título *“Brazilian president moves to limit public-sector liability over COVID-19”* (Presidente brasileiro pretende limitar responsabilidade do setor público sobre COVID-19, em tradução nossa), da agência Xinhua News, a formação discursiva de

isolamento assume um novo panorama ao possibilitar a conjectura da aplicação de um afastamento de responsabilidades legais, que poderiam resultar em processos jurídico-penais. No enunciado, há a afirmação de que o presidente pretende limitar a responsabilidade do setor público, o qual ele faz parte, sobre ações que envolvam a doença causada pelo Coronavírus. Recorrendo à interdiscursividade para atribuir sentido à essa afirmação, torna-se cabível sugerir que essa desresponsabilização seja relativa a situações como medidas de prevenção, tratamentos implementados pelo Sistema de Saúde público, eficácia de medicamentos e imunizantes disponibilizados à população etc. Assim, podemos inferir que também neste contexto o presidente se isola, desta vez de eventuais consequências de suas decisões e de seu governo.



Brazilian president moves to limit public-sector liability over COVID-19

Source: Xinhua | 2020-05-15 05:59:14 | Editor: huaxia

Figura 6 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 15/05/2020

4.3.3. Anticiência

Também identificamos em alguns dos títulos enunciados que permitem associação à uma representação de negação aos conhecimentos científicos. No título “*Bolsonaro Hails Anti-Malaria Pill Even as He Fights Coronavirus*” (Bolsonaro saúda remédio anti-malária mesmo quando luta contra o Coronavírus, em tradução nossa), do jornal The New York Times, o enunciado faz um contraponto ao determinar que o remédio “saudado” pelo presidente é “anti-malária”, enquanto o mesmo “luta” contra o “Coronavírus”. Na estrutura do enunciado ainda temos a utilização do verbo “saudar” que pode assumir diversas outras significantes quando associado ao discurso político e à sua interdiscursividade. A interpretação pretendida pelo enunciador ainda pode ser reforçada pela a utilização do termo “mesmo quando”, pois desse fragmento é possível extrair a ideia de que mesmo ameaçado pela Covid-19 ele próprio, o presidente insiste na promoção de um medicamento cientificamente destinado ao tratamento de outra doença.

July 8, 2020

AMERICAS

Bolsonaro Hails Anti-Malaria Pill Even as He Fights Coronavirus

He is infected and has Covid-19 symptoms, but Brazil's president still endorses hydroxychloroquine, an unproven treatment. He projects optimism amid a pandemic that kills over 1,000 Brazilians a day.
By Ernesto Londoño



PRINT EDITION Brazil's President Says Pill Works for Him | July 9, 2020, Page A5

Figura 7 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 08/07/2020

O sentido do enunciado presente no título pode ser inclusive mais evidenciado pela associação com o seu subtítulo *“He is infected and has Covid-19 symptoms, but Brazil’s president still endorses hydroxychloroquine, an unproven treatment. He projects optimism amid a pandemic that kills over 1,000 Brazilians a day.”* (Ele está infectado e tem sintomas de Covid-19, mas o presidente do Brasil ainda endossa a hidroxicloroquina, um tratamento não comprovado. Ele projeta otimismo em meio a uma pandemia que mata mais de 1.000 brasileiros por dia, em tradução nossa). A partir desta sequência discursiva não nos é possível depreender com exatidão que a hidroxicloroquina foi o medicamento utilizado pelo presidente brasileiro em seu tratamento, no entanto, há a afirmação de que o remédio é endossado por Bolsonaro e de que trata-se de “um tratamento não comprovado”. Em nenhuma parte dos enunciados há alguma alusão clara às credenciais do líder do governo, ou de qualquer outro, enquanto figura apta a recomendar tratamento médico, mesmo que a ação neste sentido seja evidente. Há ainda a alternativa de inferir que a recomendação do presidente não estaria sendo seguida ou não estaria surtindo efeitos positivos, já que o enunciado afirma que a situação daquele momento seria a de uma “pandemia que mata mais de 1.000 brasileiros por dia”.

Outro enunciado que apresenta a formação discursiva de anticiência que possivelmente relaciona o presidente à uma atitude de aversão à métodos científicos, pelo menos neste contexto, está no título *“Au Brésil, une campagne de vaccination à l’arrêt, “sabotée” par Jair Bolsonaro”* (No Brasil, uma campanha de vacinação interrompida, “sabotada” por Jair Bolsonaro, em tradução nossa), do jornal Le Monde. No discurso, o enunciador afirma que a campanha de imunização está inoperante devido às ações do presidente brasileiro. O uso da palavra “sabotada” confere à situação um teor de ilicitude, em que a medida foi tomada propositalmente com o objetivo de afetar negativamente o andamento da imunização da população.

Le Monde | ACTUALITÉS | ÉCONOMIE | VIDÉOS | OPINIONS | CULTURE | M LE MAG | SERVICES | S'abonner

PLANÈTE - VACCINS CONTRE LE COVID-19

Au Brésil, une campagne de vaccination à l'arrêt, « sabotée » par Jair Bolsonaro

Antivaccin notoire, le président a refusé d'être immunisé et il a appelé la population à ne pas servir de « cobaye » aux firmes pharmaceutiques.

Par Bruno Meyerfeld (Rio de Janeiro, correspondant)

Publié le 22 février 2021 à 03h01 - Mis à jour le 22 février 2021 à 10h24 - Lecture 5 min.

Figura 8 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 22/02/2021

Já a sequência enunciativa que acompanha o título do jornal francês, o subtítulo “*Antivaccin notoire, le président a refusé d'être immunisé et il a appelé la population à ne pas servir de "cobaye" aux firmes pharmaceutiques.*” (Notório anti-vacina, o presidente recusou-se a ser imunizado e apelou à população para não servir de "cobaia" pelas empresas farmacêuticas, em tradução nossa), evidencia a classificação do presidente como um “notório anti-vacina”, ao mesmo tempo em que garante que partiu dele a decisão de não vacinar-se e ainda “apelou à população” que fizesse o mesmo. O enunciado atribui também a palavra “cobaia” a um discurso indireto que teria sido dito por Bolsonaro. Ou seja, não apenas o presidente seria ele mesmo um incrédulo do conhecimento científico, no contexto da pandemia, como estaria estimulando a população brasileira a questionar a eficácia dos imunizantes concebidos pela ciência.

4.3.4. Impacto

Observamos a formação discursiva de impacto em alguns dos títulos e subtítulos analisados, em destaque temos o título “Au Brésil, plus de 105 000 morts et un président "guéri grâce à la chloroquine”” (No Brasil, mais de 105 mil mortos e um presidente "curado graças à cloroquina", em tradução nossa), do jornal Le Monde. Nesta sequência enunciativa, o autor aponta a quantidade de pessoas mortas no Brasil, mas não evidencia a quem essas mortes estão associadas, ficando a cargo do leitor a função de decifrar o contexto. Esta situação marca bem a importância de entender o contexto em que o discurso foi construído para que se possa atribuir sentido aos enunciados. Maingueneau (1997, p. 40) explica que “a eficácia da enunciação resulta necessariamente do jogo entre as condições genéricas, o ritual que elas implicam *a priori* e o que é tecido pela enunciação efetivamente realizada”. Desta forma, consentindo que o contexto relaciona-se com o período pandêmico, interpretamos que as

mortes são consequências da crise sanitária gerada pelo Coronavírus. Neste sentido, o jornal fornece uma dimensão, em números, de como a doença impactou a população brasileira e implicitamente conecta esse impacto ao presidente que foi “curado graças à cloroquina”, mesmo que o remédio não fosse comprovadamente indicado para o tratamento contra o vírus.



Figura 9 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 14/10/2020

Uma marca da formação discursiva de impacto também pode ser identificada no subtítulo “*The country is paying a price for its leader’s slow pursuit of coronavirus vaccines early on. That lapse may hinder Brazil’s ability to fight*” (O país está pagando o preço pela lenta busca de vacinas contra o coronavírus por seu líder desde o início. Esse lapso pode prejudicar a capacidade do Brasil de combater variantes preocupantes à medida que os casos aumentam, em tradução nossa), do jornal The New York Times, em que o enunciado aponta que o déficit na quantidade de vacinas disponíveis à população se deve à letargia do líder do governo brasileiro na busca pelos imunizantes, sendo ainda destacado que se trata de uma situação que ocorre “desde o início” da crise pandêmica. No mesmo sentido, o enunciador ainda alerta para a possibilidade dos impactos causados pelo “lapso” cometido pelo presidente serem agravados pelo aumento de casos e a mutação do vírus em novas variantes.

4.3.5. Despreparo

A partir de alguns enunciados presentes nos títulos e subtítulos de nossa pesquisa pudemos notar a existência de uma formação discursiva de despreparo atrelada à figura do presidente Jair Bolsonaro, como evidencia o título “*As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds*” (Enquanto vírus e desgraças econômicas devastam o Brasil, Bolsonaro improvisa e confunde, em tradução nossa), do jornal The New York Times. Nesta sequência discursiva, o enunciador afirma objetivamente que o “vírus” e “desgraças econômicas” estariam devastando o Brasil e faz a associação de que enquanto essa

situação ocorre o presidente brasileiro estaria improvisando ações para contê-la, mas que sem um objetivo certo, o que confundiria quem observasse seus atos, podendo aplicar neste cenário a população, seus aliados políticos, ou mesmo outros gestores do país e do mundo. Desta forma, nos é possível interpretar que o enunciador confere a Bolsonaro um papel de despreparo diante das medidas exigidas dele como gestor para conter/amenizar as consequências da pandemia e de outros problemas que atingem o país. Essa interpretação pode ser concebida também pelas palavras escolhidas para a construção do enunciado, “desgraças” e “devastam” são termos que facilmente poderiam ser substituídos por outros mais amenos caso a intenção do enunciador fosse apenas a de informar sobre a situação econômica e da crise sanitária no Brasil.

March 31

AMERICAS

As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds

Critics see the recent behavior of Brazil's president — polarizing in the best of times — as an unnerving sign of a flailing leader. His strategy, if there is one, is difficult to discern.

By Ernesto Londoño and Leticia Casado



PRINT EDITION Brazil's Leader Improvises in Crises, Baffling Lawmakers | April 1, 2021, Page A10

Figura 10 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 31/03/2021

Os sentidos da construção discursiva acima podem ser reforçados ainda com a complementação das sequências discursivas retiradas do subtítulo que acompanha o título já citado. No subtítulo “*Critics see the recent behavior of Brazil's president — polarizing in the best of times — as an unnerving sign of a flailing leader. His strategy, if there is one, is difficult to discern.*” (Os críticos vêem o comportamento recente do presidente do Brasil - polarizando nos melhores momentos - como um sinal enervante de um líder debatendo-se. Sua estratégia, se houver, é difícil de discernir, em tradução nossa), o enunciador deixa o assujeitamento frequentemente observados nos enunciados jornalísticos e assume a visão manifestada como produto “dos críticos” do presidente. Nesta perspectiva, o discurso indica que o presidente encontra-se em um estado de incerteza e crise, pois estaria “debatendo-se”. Além disso, na visão dos “críticos”, Bolsonaro não possuiria uma estratégia de ação para evitar os problemas do país e que, caso possuísse uma, seria bastante difícil de identificar. Apoiando-se nessas alegações, e considerando o contexto em que foram realizadas, compreendemos que o tom adotado pelo enunciador é de descrença na capacidade de gestão

do presidente brasileiro, sendo esta também a provável resposta que se pretende causar no leitor, já que, como explica Maingueneau (1997):

Parece-nos que a fé em um discurso, a possibilidade de que sujeitos nele se reconheçam presume que ele esteja associado a uma certa voz (que preferimos chamar de *tom*, à medida que seja possível falar do “tom” de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa). [...] pode-se localizar as características mais marcantes que a formação discursiva impõe ao “tom” de seus autores e definir o ideal de entonação que acompanha seus lugares de enunciação” (Maingueneau, 1997, p. 46)

De acordo com Maingueneau (1997), a formação discursiva define o tom da enunciação. Neste caso do subtítulo analisado, a escolha de expressões como “sinal enervante” e “líder debatendo-se” exibem a predileção do enunciador por demarcar seu posicionamento em relação a Bolsonaro.

4.3.6. Aversão

Entre as formações discursivas identificadas durante a análise dos títulos e subtítulos selecionados, está a que atribui aversão à gestão do presidente Jair Bolsonaro no que concerne à pandemia de Covid-19. A representação dessa aversão fica bem evidenciada no título “*“Nous aurions pu éviter tous ces morts”: à Rio, Bolsonaro conspué pour sa gestion de la pandémie*” (“Poderíamos ter evitado todas essas mortes”: no Rio, Bolsonaro é vaiado por sua administração da pandemia, em tradução nossa), do jornal Le Monde. O principal termo que confere sentido ao enunciado é “vaiado”, que explicita o tom de protesto contra o presidente. A sequência discursiva apresenta um discurso direto, uma citação, mas não identifica sua autoria. A definição do sujeito enunciador então fica dependente da interpretação do leitor em sua discursividade. Maingueneau (1997, p.38) explica que “o “caráter” corresponde a este conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer”. Podemos supor, por exemplo, que as possibilidades desse sujeito ser um opositor político de Bolsonaro são maiores do que tratar-se de alguém que compõe o governo, já que a afirmação “Poderíamos ter evitado todas essas mortes” implica que, mediante a tomada de uma decisão diferente, as mortes decorrentes do Coronavírus poderiam ter sido evitadas, e, conseqüentemente, essa suposição presume que uma decisão errada foi adotada.



Figura 11 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 04/07/2021

O sentido de aversão é complementado também na análise do subtítulo que corresponde ao título do jornal francês. No subtítulo “*Plusieurs dizaines de milliers de personnes ont défilé, samedi, à travers les grandes villes du pays, dénonçant notamment les dysfonctionnements qui ont entravé la campagne de vaccination.*” (Várias dezenas de milhares de pessoas marcharam no sábado pelas principais cidades do país, denunciando especialmente as disfunções que dificultaram a campanha de vacinação, em tradução nossa), o discurso informativo revela uma dimensão à aversão direcionada ao presidente brasileiro quando fala “várias dezenas de milhares de pessoas” e complementa com “principais cidades dos país”, indicando que são muitos os indivíduos que mostram insatisfação com a maneira que o presidente estaria lidando com a crise sanitária e que os insatisfeitos estariam geograficamente espalhados pelo país, o que reduz a possibilidade de se considerar os protestos como atos ocasionais de um grupo específico. Os termos “denunciando” e “disfunções” também contribuem para o viés negativo atribuído à gestão do governo brasileiro durante a pandemia. O sujeito discurso aqui assume a figura de observador que aponta um fato do qual foi testemunha, suscitamos, no entanto, a probabilidade de que o sujeito no caso seja na verdade vários sujeitos, sendo o discurso construído com base nas vivências de repórteres e participantes das manifestações contra o governo.

4.3.7. Capital Político

Notamos durante a análise inclusive uma perspectiva que favorece o presidente Bolsonaro. No decorrer do estudo, pudemos apontar que alguns discursos contribuem para uma formação discursiva em que entende-se que o líder do governo seria beneficiado com o ganho de capital político dependendo de como a situação da pandemia de Covid-19 se

apresentasse. No título “*Au Brésil, Bolsonaro utilise à son avantage la crise du Covid-19*” (No Brasil, Bolsonaro usa a crise de Covid-19 a seu favor, em tradução nossa), do jornal Le Monde, a relação entre o status da crise sanitária e o favorecimento do presidente mostra-se bastante clara. O enunciado estimula ainda à interpretação de que esse aproveitamento da crise em benefício próprio seria algo intencional ao empregar o verbo “*usar*”, que pressupõe o sentido de utilização, de instrumentalização de algo, ao invés de algum outro verbo que possibilitasse outras interpretações.



Figura 12 - Título e Subtítulo de matéria do jornal Le Monde, em 23/06/2020

As significações identificadas no enunciado anterior são corroboradas pelos sentidos possivelmente dispostos no subtítulo que o acompanha. No subtítulo “*La pandémie produit ce dont le président brésilien a le plus besoin : le chaos, qui lui a permis de ressouder son gouvernement et de remobiliser sa base.*” (A pandemia está produzindo o que o presidente brasileiro mais precisa: o caos, que lhe permitiu reagrupar seu governo e remobilizar sua base, em tradução nossa), o tom adotado nos parece ainda mais assertivo em relação à intencionalidade do presidente em se aproveitar da crise sanitária para o seu benefício político. O enunciado afirma que o “caos” seria uma “necessidade” para que Bolsonaro pudesse reorganizar seu governo e sua base de apoio. Historicamente, governos que se beneficiam com a fragilidade social são marcados como autoritários, nos quais, frequentemente, os líderes políticos fazem uso da força sob a justificativa de alcançar/reconstruir a estrutura social almejada pela população.

Outro conjunto de enunciados que, ao que se pode observar, seguem no mesmo sentido de cooptar capital político em meio à crise pandêmica se apresentam no título e subtítulo do jornal norte-americano The New York Times: “*As Brazil's Covid Crisis Eases, Bolsonaro Sees Rising Popularity*” (À medida que a crise de Covid no Brasil se acalma, Bolsonaro observa popularidade crescer, em tradução nossa), do The New York Times; e

“President Jair Bolsonaro’s cavalier handling of the coronavirus pandemic drew outrage. But as the curve in Brazil has flattened, his political standing has strengthened.” (A maneira descuidada de lidar com a pandemia do coronavírus pelo presidente Jair Bolsonaro provocou indignação. Mas, à medida que a curva no Brasil se achatou, sua posição política se fortaleceu, em tradução nossa). No título apresentado, há a construção de uma relação de causa e efeito inversamente proporcional entre a situação da pandemia de Covid-19 e a popularidade do presidente brasileiro, identificada pelo uso do termo “à medida que”. O enunciado não aponta para uma intencionalidade na obtenção dessa “popularidade”, no entanto, também não sinaliza a sua inexistência. Já o subtítulo se mostra mais enfático ao conferir responsabilidades ao presidente quanto à sua maneira de gerir a crise e a resposta política obtida. De acordo com o enunciado, enquanto a situação da pandemia se apresentava ruim, Bolsonaro era criticado, mas bastou que os números de afetados pelo vírus se mostrassem mais baixos para que o presidente tivesse sua imagem fortalecida.

Nov. 16, 2020

AMERICAS

As Brazil’s Covid Crisis Eases, Bolsonaro Sees Rising Popularity

President Jair Bolsonaro’s cavalier handling of the coronavirus pandemic drew outrage. But as the curve in Brazil has flattened, his political standing has strengthened.

By Ernesto Londoño, Manuela Andreoni and Leticia Casado



PRINT EDITION Bolsonaro’s Virus Strategy of Dismissal Resonates in Brazil | November 17, 2020, Page A9

Figura 13 - Título e Subtítulo de matéria do jornal The New York Times, em 16/11/2020

4.3.8. Orientação ideológica

Entendemos também, a partir das observações realizadas, que alguns títulos e subtítulos demonstram um apego do presidente Jair Bolsonaro a certos posicionamentos considerados, dentro do contexto analisado, de orientação política. No título “*Bolsonaro threatens to withdraw Brazil from WHO*” (Bolsonaro ameaça retirar Brasil da OMS, em tradução nossa), da agência Xinhua News, o sentido conferido ao enunciado irá depender bastante de qual a visão o leitor tem acerca da OMS (Organização Mundial da Saúde). Se o leitor tiver uma visão positiva sobre a agência especializada em saúde, a interpretação poderá ser de que a dissociação do Brasil à ela trata-se de uma medida danosa, uma vez que o país poderia perder respaldo diante da comunidade internacional. Já se o leitor possuir uma ótica

negativa a respeito do órgão, a alternativa de afastar-se dele poderia ser considerada um avanço na questão da autonomia do país, por exemplo. Observa-se ainda que a construção do enunciado pode manifestar indiretamente uma tendência para a interpretação negativa dessa afirmação simplesmente pelo emprego do verbo “ameaçar”.



Bolsonaro threatens to withdraw Brazil from WHO

Source: Xinhua | 2020-06-06 11:24:28 | Editor: huaxia

Figura 14 - Título e Subtítulo de matéria agência de notícias Xinhua, em 06/06/2020

O sentido atribuído ao título anterior pode também ser suplementado pelo subtítulo que o acompanha. No subtítulo “*Bolsonaro said Brazil will consider leaving the WHO unless it stops being a "partisan political organization."*” (Bolsonaro disse que o Brasil considerará deixar a OMS, a menos que esta pare de ser uma "organização política partidária", em tradução nossa), o enunciado assume que a condição para a não desvinculação do Brasil seria um abandono da OMS a suas supostas vinculações partidárias. Aqui, além do tom de ameaça continuar subentendido, há ainda a apresentação de uma condição proposta para suprimir tal ameaça, interpretação extraída da utilização do termo “a menos que”. Da forma que foi construída a enunciação, o leitor pode ainda apreender que o sujeito do discurso seria o próprio presidente, uma vez que coloca a afirmativa “Bolsonaro disse”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliando as formações discursivas identificadas nos títulos e subtítulos analisados, notamos que eles representam conceitos histórico e socialmente vistos como negativos, em especial considerando o contexto de crise sanitária causada por uma pandemia. Historicamente, quando em situações graves relacionadas à saúde, governantes tendem a mostrarem-se preocupados com o bem estar das pessoas e diligentes na busca por sanar, ou ao menos amenizar, os males que afetam a população. Ações essas que não são possíveis de identificar nos sentidos extraídos dos títulos e subtítulos analisados em nosso trabalho.

O presidente brasileiro Jair Bolsonaro tem suas atitudes frequentemente interpretadas e expostas como negligentes, principalmente pelos jornais *The New York Times* e *Le Monde*. Os jornais expõem discursos que apresentam o chefe do governo do Brasil como alguém que minimizar a gravidade da doença, ignora as orientações de prevenção e combate da Covid-19 emitidas por médicos, infectologistas e demais estudiosos da saúde pública, e como responsável por tomar medidas que vão na contramão do que orientam os especialistas e do que tem sido adotado mundialmente durante a crise sanitária.

Em algumas amostras, os adjetivos são utilizados como marcas discursivas que indicam a visão do jornal em relação à condição pessoal relacionada às atitudes tomadas pelo governante brasileiro, como quando o jornal norte-americano utiliza os termos “isolado” e “desafiador” para estabelecer que Bolsonaro não apenas estaria desacompanhado em sua decisão de ignorar as orientações dos especialistas da área da saúde, como também apresentaria posicionamento de desafiar à adoção de medidas de combate à Covid-19. O presidente também foi classificado como “notório antivacina” pelo jornal francês.

Em outras amostras, os jornais também apresentaram o discurso de descrédito sobre as capacidades do presidente como gestor. Em uma das matérias, o NYT aponta que sua conduta seria improvisada e confusa, e complementa que seria difícil de discernir a estratégia traçada por ele para a mitigação da pandemia, caso exista uma. Esse discurso prejudica a atribuição de um *ethos* de credibilidade à imagem pública do governante brasileiro, uma vez que esta depende de que o público considere o ator político uma figura completamente digna de confiança. Neste caso, ocorre a interferência dos interdiscursos, na qual a enunciação sofre influência das expectativas criadas a partir de situações de semelhante natureza ocorridas no passado e dos posicionamentos assumidos pelos governantes da época, como também da comparação entre as atitudes de Bolsonaro e as dos governantes de outros países frente à Covid-19.

Além de construírem uma imagem pública negativa de inadequação do presidente Bolsonaro, os jornais também fazem referência a como essa postura estaria afetando a população brasileira. Não apenas a disposição particular de Jair Bolsonaro recebeu um valor atribuído por adjetivação como, em um dos subtítulos, o jornal NYT indica que o Brasil estaria dominado por um “clima nocivo”. Em outra amostra, a publicação norte-americana destaca que não apenas o vírus, mas também “desgraças” econômicas estariam assolando o país. Com base nesses exemplos, as formações discursivas parecem sugerir o sentido de reconhecimento de uma desordem nacional.

O mesmo periódico também coloca a população brasileira no local de vítima da atuação de seu chefe de Estado ao, no título de uma de suas matérias, afirmar que Bolsonaro recusou vacina e complementar no subtítulo que por causa dessa atitude, o país estaria “pagando o preço”. Essa culpabilização do presidente também pode ser identificada em uma das matérias veiculada pelo jornal francês Le Monde, em que a publicação afirma que a vacinação da população foi interrompida pois teria sido “sabotada” por Jair Bolsonaro. Em ambos os discursos é possível notar uma ideologia pró-vacina, já que as expressões “pagando o preço” e “sabotada” são histórica-socialmente identificadas dentro de um contexto negativo.

No entanto, apesar de em suas matérias apresentarem Jair Bolsonaro como um mau gestor da pandemia, os jornais NYT e Le Monde também publicaram matérias em que notamos a indicação de que o presidente brasileira seria capaz de se beneficiar dos transtornos ocorridos no país. O jornal norte-americano estabeleceu relação entre a queda no número de casos de Covid-19 com o aumento da popularidade de Bolsonaro entre os brasileiros. Neste caso, o jornal utiliza-se da subjetividade para indicar que pelo menos parte da população brasileira tem apreço pelo presidente independente de sua ações no período pandêmico e que outras podem até estarem ressabiadas com a situação, mas que logo quando este volte à normalidade estariam aptas a retomar o apoio a Bolsonaro. Já a publicação francesa inferiu que o caos seria algo que o governante “mais precisa”, pois estaria fornecendo a ele a oportunidade de reagrupar seu governo e sua base de apoio. Com este discurso, através de ação interpretativa, percebemos que subjetivamente o presidente melhor opera sua base política enquanto a população sofre com adversidades.

De toda forma, pudemos ainda identificar em nossa análise marcas discursivas que demonstram a presença de uma polarização entre aqueles que apoiam as ações de Bolsonaro e aqueles que o responsabilizam pela gravidade da crise sanitária e pelas mortes registradas no país. Como citado anteriormente, certos discursos apontam que o presidente teria conseguido manter uma base de apoiadores e inferimos que foi para essas pessoas que

compartilham de sua mesma formação ideológica que Bolsonaro teria direcionado seu discurso anti-vacina identificado em uma das matérias do jornal *Le Monde*, onde o presidente teria solicitado à população brasileira que “não seja usada de “cobaia” pelas empresas farmacêuticas”. Por outro lado, o mesmo jornal também publicou matéria em que destaca a ocorrência de manifestações contra Jair Bolsonaro e sua administração em várias cidades do país, onde observamos construções discursivas de insatisfação com a gestão federal existente entre uma outra parcela da sociedade local.

Enfim, a partir das análises realizadas nos títulos e subtítulos que compõem o corpus de nossa pesquisa pudemos concluir que os discursos jornalísticos publicados pelos jornais *The New York Times*, *Le Monde* e a agência de notícias Xinhua constróem, em diferentes níveis, uma imagem pública negativa do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, enquanto gestor da maior instância governamental executiva do país. Além disso, pudemos identificar que o Brasil como nação e sua população são retratados como estando em más condições ou como vítimas do modo de agir de seu presidente. As consequência dessas construções discursivas no imaginário da audiência desses veículos jornalísticos não nos seria possível indicar sem a realização de uma pesquisa de opinião, todavia, podemos suspeitar que a imagem do Brasil diante outras populações também tenha tornado-se negativa por associação com a concebida por Bolsonaro, uma vez que foi a população brasileira que o elegeu. Deixamos claro ainda que essas construções são resultado do recorte analisado e que outros recortes temporais e/ou geográficos podem apresentar diferentes resultados. Talvez se tivéssemos selecionado diferentes publicações, mesmo advindas dos mesmos países, os resultados seriam outros dos que aqui foram apresentados. Portanto, são diversas as possibilidades de analisar a construção de imagens públicas a fim de tentar compreender as significações atribuídas não apenas a autoridades políticas, mas também a diversas outras pessoas públicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz, TEIXEIRA, Luiz. **Ciência, saúde e doenças emergentes: uma história sem fim.** Casa de Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1767-ciencia-saude-e-doencas-emergentes-uma-historia-sem-fim.html#.XozKKYhKjIU>. Acesso em: 31 de jan. de 2022.

ANTUNES, Elton. **Os títulos, o jornal desde o epílogo.** In: FERREIRA, Giovandro Marcus, ANDRADE, Ivanise Hilbig, CARVALHO, Claudiane (orgs.). A construção de sentidos no jornalismo: contribuições de Maurice Mouillaud e Eliseo Véron. Salvador, BA: Edufba, 2020, 93-119

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s).** In: Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo, SP: Hucitec, 2006.

BARRETO, Clara. **Ministério da Saúde confirma primeira morte por coronavírus no Brasil.** PEBMED, 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/ministerio-da-saude-confirma-primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo, SP: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político.** São Paulo, SP: Contexto, 2008.

Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença. UNA-SUS, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,para%20It%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia>. Acesso em : 31 de jan. de 2022.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** Campinas, SP: Pontes, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social.** Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo, SP: Editora Paulus, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes. 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do Discurso: A Questão dos Fundamentos**. In: Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, n. 19, p. 65-74, jul./dez. 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **A noção de ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MILES, M. B. & HUBERMAN, A. M. **Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília, DF: Paralelo 15, 1997.

SÁ, Dominichi Miranda. **Especial Covid-19: Os historiadores e a pandemia**. Casa de Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html>. Acesso em: 31 de jan. de 2022.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo Do Jornalismo No Século XX**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002.

WEBER, Maria Helena. **O estatuto da imagem pública na disputa política**. In: Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. 3, p. 11-26, set./dez. 2009.